

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA - DBIO

**ISABELLA RIZZIOLLI SANTOS**

**EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: BALANÇO DA PRODUÇÃO EM  
PERIÓDICOS DO BRASIL (2020-2021)**

Sorocaba -SP  
2023

ISABELLA RIZZIOLLI SANTOS

**EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: BALANÇO DA PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS  
DO BRASIL (2020-2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carla Corrochano.

Sorocaba – SP

2023

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

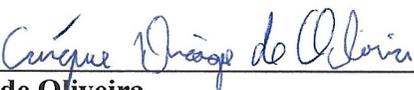
**ISABELLA RIZZIOLLI SANTOS**

*Educação em tempos pandêmicos: balanço da produção em  
periódicos do Brasil (2020-2021)*

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para  
obtenção do grau de licenciado no curso de ciências Biológicas – Licenciatura  
Plena, da Universidade Federal de São Carlos Campus de Sorocaba.**

**Sorocaba, 29 de agosto de 2023.**

Orientadora:   
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carla Corrochano

Examinador:   
Me. Caíque Diogo de Oliveira

Examinadora:   
Me. Jeniffer Cristina Ferreira Justino

Rizziolli Santos, Isabella

Educação em tempos pandêmicos: balanço da produção em periódicos do Brasil (2020-2021) / Isabella Rizziolli Santos -- 2023.  
84f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Maria Carla Corrochano  
Banca Examinadora: Caíque Diogo de Oliveira, Jeniffer Cristina Ferreira Justino  
Bibliografia

1. Campo educacional. 2. Pandemia da covid-19. 3. Ensino remoto emergencial. I. Rizziolli Santos, Isabella. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram de alguma maneira para a construção desse momento. Agradeço a professora Maria Carla que aceitou o desafio de me orientar e que foi muito paciente em todo esse processo. Agradeço aos meus pais, Miriam e Isaias, que sempre me apoiaram e que sempre me ensinaram o significado de amar incondicionalmente. Agradeço a minha irmã, Gabriella, que é o meu maior exemplo e sempre agiu como um norte para mim. Agradeço aos meus melhores amigos, Natasha e Patrick que mesmo em distância continuam uma presença constante na minha vida. A toda minha turma da faculdade que fizeram da graduação uma experiência inesquecível, em especial Izadora, Beatriz e Watila que levo todos os dias comigo no meu coração.

É assim que as coisas são?

É assim que elas sempre foram?

Existir diante de sofrimento e da morte

E de alguma forma ainda continuar cantando?

*(Florence and the Machine)*

## RESUMO

SANTOS, Isabella Rizzioli. Educação em tempos pandêmicos: balanço da produção em periódicos do Brasil (2020-2021). 2023. 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação/ Licenciatura em Ciências Biológicas – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, 2023.

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar a produção acadêmica no campo da educação sobre a temática da pandemia do covid-19, entre os anos de 2020 e 2021, como um meio de compreender os debates e discussões mais proeminentes no meio acadêmico sobre o tema. A metodologia escolhida para a pesquisa foi a de revisão bibliográfica, realizada em periódicos nacionais qualificados com Qualis Capes A1 e A2 no campo da educação. A partir da revisão foi levantado um total de 102 produções, que foram agrupadas conforme seus eixos temáticos centrais. Foi determinado um total de 9 eixos temáticos, sendo eles: Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem; sentidos da escola/ educação; diferenças/ desigualdades na pandemia; políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia; trabalho docente; percepções de docentes/ discentes; escola e família; e negacionismo. Também foi criada a categoria “outros”, que contemplam produções que não puderam ser inseridas em nenhum dos temas mais proeminentes. Os resultados obtidos pelo levantamento demonstram um grande interesse nas temáticas sobre a adaptação do trabalho pedagógico para a nova modalidade de ensino remoto durante a pandemia e sobre a terminologia das modalidades de ensino a distância, mas revelaram uma escassez em produções discutindo sobre os efeitos da pandemia na aprendizagem e saúde mental dos alunos.

**Palavras-chave:** campo educacional; pandemia; ensino remoto emergencial; covid-19.

## ABSTRACT

The present work has the objective to describe and analyze academic works, produced between the years of 2020 and 2021, in the field of education on the topic of the covid-19 pandemic, as a means of understanding the more prominent debates and discussions in the academic field during that time. The chosen methodology was bibliographic revision, carried out through qualified Qualis Capes A1 and A2 academic journals in the field of education, from this revision, a total of 102 articles were sorted and then grouped according to their main thematic axis. It was defined a total of 9 thematic axes, being them: Remote education: curriculum, practices, evaluation and learning; school/ education and its meanings and directions; differences/ inequalities during the pandemic; public/ educational policies during the pandemic; teaching work; teachers'/ students' perceptions; school & family and denialism. An extra category was created, named "others", that analyzes articles that couldn't be inserted in the other more prominent themes. The obtained results demonstrate a great interest in the adaptation of the pedagogical work required during the pandemic for the new remote-teaching modalities and about the terminologies used to refer about the modalities of distance education and teaching, but they revealed a scarcity in articles that discuss about the effects of the pandemic in the learning and mental health of the students.

**Keyword:** education field; pandemic; emergency remote education; covid-19.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total de artigos segundo ano e Qualis Capes da revista .....	21
Mapa 1 – Mapa de quantidade de instituições brasileiras vinculadas por estado.....	23
Gráfico 2 - Divisão percentual de instituições privadas e públicas vinculadas aos autores em território nacional vs internacional .....	24

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Países onde as Instituições vinculadas aos autores se localizam.....	22
Tabela 2 - Instituições dos autores, segundo regiões do Brasil .....	23
Tabela 3 - Área de formação dos autores .....	25
Tabela 4 - Frequência de subtemas nas produções .....	27
Tabela 5 - Área de formação dos autores no subtema “Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem” .....	28
Tabela 6 - Temáticas principais do subtema “Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem” dividido por ano.....	29
Tabela 7 - Área de formação dos autores no subtema “Sentidos da escola/educação” .....	44
Tabela 8 - Temáticas principais do subtema “Sentidos da escola/educação” dividido por ano .....	45
Tabela 9 - Área de formação dos autores no subtema “Diferenças/ desigualdades na pandemia” .....	50
Tabela 10 - Temáticas principais do subtema “Diferenças/ desigualdades na pandemia” dividido por ano.....	51
Tabela 11 - Área de formação dos autores no subtema “Políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia”.....	58
Tabela 12 - Temáticas principais do subtema “Políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia” dividido por ano .....	58
Tabela 13 - Área de formação dos autores no subtema “Trabalho docente” .....	62
Tabela 14 - Área de formação dos autores no subtema “Percepções de docentes” .....	65
Tabela 15 - Área de formação dos autores no subtema “Escola e família” .....	67
Tabela 16 - Área de formação dos autores no subtema “Negacionismo” .....	69
Tabela 17 - Área de formação dos autores no subtema “Outros” .....	70

## LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
Covid-19 – Infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2  
C&T – Ciência e Tecnologia  
DaD – Didática (da Educação) a Distância  
DE – Distance Education (Educação a Distância)  
DI – Deficiência Intelectual  
EaD – Educação a Distância  
ECG – Educação para a Cidadania Global  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
ERE – Ensino Remoto Emergencial  
Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação  
IA – Inteligência Artificial  
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
IQ – Instituto de Química  
IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis  
MEC – Ministério da Educação  
NOOC - Nano-Open Massive Courses  
OEP - Open Educational Practices (Metodologia Educativa Aberta)  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
PcD – Pessoas com Deficiências  
PM – Polícia Militar  
PNA – Política Nacional de Alfabetização  
RRI – Pesquisa e Inovação Responsáveis  
SCZV – Síndrome Congênita do Zika Vírus  
TA – Tecnologias Assistiva  
TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação  
TEA – Transtorno do Espectro do Autismo  
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação  
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

USP – Universidade de São Paulo

VE – Virtual Education (Educação Virtual)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
<b>2</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>21</b>
2.1	ENSINO REMOTO: CURRÍCULO, PRÁTICAS, AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM ...	28
<b>2.1.1</b>	<b> Currículo.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1.2</b>	<b> Modalidades de ensino a distância.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1.3</b>	<b> Práticas pedagógicas.....</b>	<b>36</b>
<b>2.1.4</b>	<b> Competência digital e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.....</b>	<b>38</b>
<b>2.1.5</b>	<b> Processo de ensino-avaliação .....</b>	<b>40</b>
<b>2.1.6</b>	<b> Gestão escolar.....</b>	<b>42</b>
2.2	SENTIDOS DA ESCOLA/ EDUCAÇÃO.....	44
<b>2.2.1</b>	<b> Escola/ educação durante a pandemia .....</b>	<b>45</b>
<b>2.2.2</b>	<b> Escola/ educação em crise.....</b>	<b>47</b>
<b>2.2.3</b>	<b> Escola/ educação após a pandemia .....</b>	<b>48</b>
2.3	DIFERENÇAS/ DESIGUALDADES NA PANDEMIA.....	50
<b>2.3.1</b>	<b> Educação especial.....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.2</b>	<b> Desigualdades sociais e escolares .....</b>	<b>54</b>
<b>2.3.3</b>	<b> Desigualdades de gênero.....</b>	<b>56</b>
2.4	POLÍTICAS PÚBLICAS/ EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	57
<b>2.4.1</b>	<b> Políticas públicas/ educacionais no Ensino Básico.....</b>	<b>58</b>
<b>2.4.2</b>	<b> Políticas públicas/ educacionais no Ensino Superior.....</b>	<b>60</b>
2.5	TRABALHO DOCENTE .....	62
2.6	PERCEPÇÕES DE DOCENTES.....	64
2.7	ESCOLA E FAMÍLIA.....	67
2.8	NEGACIONISMO .....	68
2.9	OUTROS.....	70
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>74</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No final de 2019 uma nova variação de vírus tipo corona foi relatada na região de Huanan na Província de Wuhan na China. Em fevereiro de 2020, a doença causada pelo vírus foi nomeada como covid-19 (*CO*rona *VI*rus *DI*sease). Apesar dos esforços para conter a sua disseminação, em pouco tempo o vírus se propagou mundialmente e em 11 de março de 2020, a covid -19 passa ser categorizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia (OPAS, 2020). Os efeitos da pandemia são catastróficos: após dois anos constata-se mais de 630 milhões de casos confirmados mundialmente e mais de 6,5 milhões de mortes (WHO, 2022).

Devido à alta taxa de transmissão do vírus muitas medidas foram tomadas para evitar o contágio: fronteiras foram fechadas, quarentenas foram impostas e o distanciamento social passou a ser norma. Distanciamento social é uma estratégia que já foi utilizada em outras pandemias como uma forma de evitar a propagação de seus patógenos: significa diminuir a interação entre os indivíduos de uma comunidade visando reduzir a velocidade de transmissão do vírus (UFRGS, 2020).

Como reflexo dessas medidas, escolas foram fechadas em muitos países, obrigando o desenvolvimento de metodologias e ferramentas de ensino e avaliação. (SOBRINHO JUNIOR; MORAES, 2020). As medidas de fechamento de escolas e de distanciamento social são tomadas com base em estudos feitos em casos de transmissão de influenzas, em que a transmissão do vírus tende a ser primariamente feita por crianças, embora não se tivesse certeza na época, quão efetivo seriam elas (VINER et al., 2020).

A UNESCO relata um pico em fechamentos de escolas em 20 de abril de 2020, apontando 151 países que apresentaram fechamentos em escala nacional, afetando 81,8% de todos os alunos matriculados, demonstrando assim a escala em que essas medidas afetaram os estudantes. Foi estimado que mais de 1,5 bilhões de estudantes e jovens foram atingidos pela pandemia de alguma maneira, seja pelo fechamento de escolas, seja pela crise econômica e social. (UNESCO, 2020). Em março de 2021 a UNICEF relatou que mundialmente escolas que atendiam mais que 168 milhões de crianças fecharam por mais de um ano como resultado da pandemia, e alertavam sobre as consequências desses acontecimentos para a educação e bem-estar das crianças por todo o mundo, destacando o papel crucial da escola como um lugar em que elas podem interagir socialmente com seus colegas, procurar ajuda e apoio externo ao de sua família, acessar serviços de saúde e se alimentar (UNICEF, 2021).

Alguns países, porém, nunca fecharam as escolas, tais como Islândia, Suécia e Taiwan. Outros países tais como Dinamarca, Finlândia, Noruega, França e Alemanha começaram o processo de reabertura das escolas ainda em meio a pandemia. Uma das explicações para o não fechamento em alguns países ou a abertura mesmo no contexto pandêmico pode estar relacionada aos elevados índices socioeconômicos desses países. Certamente isso contribuiu para a implantação de mudanças na infraestrutura e funcionamento escolar para garantia do distanciamento social no interior das escolas, diversamente de países de renda baixa ou média, que tendem a ter umas populações mais densas, com mais crianças nas escolas e menos recursos para criar condições para evitar a disseminação do vírus no espaço escolar. (VINER et al., 2020).

No Brasil também é possível notar os impactos da pandemia na educação. A partir de abril, por meio do Parecer CNE/CP nº5/2020, o Ministério da Educação orientou sobre mudanças no calendário escolar e a adoção de atividades não presenciais. Em alguns estados como São Paulo, por exemplo, as aulas já haviam sido suspensas a partir de março e o ensino remoto já havia sido adotado como maneira de lidar com a situação (SÃO PAULO, 2020). O INEP estima que 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais no ano de 2020, sendo reportado uma média de 287 dias de suspensão nesse período. A pesquisa ainda aponta que cerca de 53% das escolas públicas conseguiram manter o calendário letivo, enquanto nas escolas privadas foi reportado que 70% conseguiram manter o planejamento (BRASIL, 2021).

Com a pandemia se estendendo pelos anos de 2020 e 2021 os debates sobre os fechamentos das escolas disseminaram-se por todos os espaços, tanto acadêmicos quanto civis. Embora a população geral concordasse que a reabertura das escolas resultaria no agravamento da pandemia (PALHARES, 2020), também existia uma parcela que não concordava, e que se organizaram para possibilitar a abertura das escolas. Um desses movimentos foi o “Escolas Abertas”, que sob o comando de um grupo de mães da elite paulistana visava a reabertura das escolas estaduais de São Paulo, utilizando de relatórios científicos internacionais para dar base ao seu argumento e alegando que o fechamento prolongado das escolas seria um “crime contra a infância” (CÁSSIO; RIBEIRO & CORTI, 2021). A Campanha Nacional pelo Direito à Educação também reiterou a urgência e importância da volta das aulas presenciais e da abertura das escolas, mas alertava e questionava os riscos dessa abertura ser realizada sem a infraestrutura e saneamento necessário para ser uma volta às aulas presenciais segura para as crianças e seus pais, informando que 39% das escolas no Brasil não dispunham de estrutura básica sequer para a lavagem das mãos (PELLANDA, 2021).

Em resposta aos fechamentos em massa de escolas, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) começa a ser utilizado por instituições em todo mundo e é adotado em grande escala no Brasil. O nome remoto diz respeito à distância geográfica existente em face ao distanciamento social imposto, e emergencial devido ao caráter abrupto da mudança no planejamento e na metodologia pedagógica. Sendo assim, docentes que antigamente davam aulas exclusivamente presenciais são forçados a se adaptar, principalmente com a utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), de maneira que as atividades escolares não fossem interrompidas. O espaço escolar deixa de ter a sala de aula como central e se transpõe para os meios digitais (BEHAR, 2022).

De acordo com a Fundação Carlos Chagas, essas mudanças resultaram em aumento e intensificação do trabalho docente. A pesquisa “Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica” evidencia que mais de 65% dos docentes consideraram que o trabalho pedagógico aumentou e mudou, citando como principais razões: atividades extras, a necessidade de escrever e responder e-mails e mensagens, o planejamento e a realização de aulas com novos recursos. (FCC, 2020).

Uma outra preocupação relativa ao uso do ERE relacionou-se ao acesso à internet, que seria indispensável para a realização das atividades. Apenas considerando estudantes do ensino fundamental, tem-se que cerca de 4,4 milhões, do total de 27,2 milhões de estudantes, ou seja, aproximadamente 16% deles, não possuíam acesso domiciliar à internet. Esse tipo de dado também provocou reflexões sobre as desigualdades sociais, raciais e de gênero que seriam agravadas nesse cenário (PELLANDA, 2021).

É nesse contexto que essa monografia é concebida. São nítidos os medos e as ansiedades que assolavam o mundo nesse período. Inúmeros debates começaram a ser levantados, principalmente no campo da educação, dada a experiência de se viver em um momento histórico único, sem um mapa certo e sem respostas óbvias. Essa pesquisa foi elaborada a partir do interesse de entender os debates, discussões e as temáticas predominantes durante esse período no campo da educação. Sendo assim, essa monografia objetiva descrever e analisar a produção acadêmica no campo da educação entre os anos de 2020 e 2021.

Para a elaboração da pesquisa foi decidido a utilização do método de revisão bibliográfica que consiste na análise de materiais já elaborados, principalmente livros e artigos científicos (GIL, 2002). No caso dessa pesquisa foram utilizados artigos de periódicos qualificados com Qualis Capes A1 e A2 no campo da educação. O conjunto de revistas já havia sido previamente selecionado na pesquisa: “O campo de estudos de Juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-

2017)”, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Carla Corrochano. Foi decidido a limitação para somente revistas de Qualis Capes A1 e A2 para facilitar a revisão bibliográfica já que a inclusão de outros Qualis estenderiam significativamente o tamanho da revisão. O método de revisão bibliográfico foi escolhido como uma forma de fazer uma ampla pesquisa sobre o assunto de uma maneira segura, já que o projeto foi realizado em meio a pandemia.

Após a seleção das revistas, foram incluídos apenas artigos produzidos nos anos de 2020 e 2021, e desses foram selecionados artigos que traziam como temática principal a educação no contexto da pandemia de covid-19. Eles foram analisados e agrupados conforme a similaridade de suas temáticas de maneira que fosse possível analisar os diferentes debates e subtemas propostos.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para compreensão do contexto em que a pandemia chega ao Brasil, é necessário analisar como a educação se encontrava antes do evento, quais principais preocupações e quais principais desafios, considerando particularmente a educação básica.

Um dos principais problemas que foram contemplados no sistema educacional brasileiro em sua história foi o da exclusão escolar. A partir dos anos 1970, o país começou um processo de massificação do acesso à escola, principalmente do agora chamado ensino fundamental. A partir desse período, amplia-se a inclusão escolar, mas eram notáveis fatores como evasão, abandono e repetência, que interrompiam o fluxo escolar. Sendo assim, a partir dos anos 1990, se tem uma preocupação não só com a inclusão, mas com a conclusão do ensino básico. (KRAWCZYK; SILVA, 2017).

A partir de 1990, é possível perceber uma evolução nas taxas de matrículas no Ensino Médio brasileiro, sendo a última etapa escolar a passar pelo processo de massificação, possibilitado pela ampliação da oferta de vagas em escolas, principalmente no interior da rede pública estadual (CORTI, 2019). De acordo com Krawczyk & Silva (2017), esses processos de expansão do ensino público brasileiro não se traduziram na garantia de qualidade deste ensino, sendo acompanhados da precarização da infraestrutura escolar, desvalorização da carreira docente e a superlotação das escolas. No caso do ensino médio, a expansão só foi possibilitada pelo aproveitamento da infraestrutura e dos professores do ensino fundamental. Apenas em 2006, com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) foi estabelecido uma fonte própria de recursos para a etapa (CORTI, 2019).

Souza (2018) destaca que essa desvalorização da escola pública não é algo acidental, mas sim proposital, fazendo com que as instituições privadas, que são acessíveis somente às elites, sejam as principais fontes de educação de qualidade, perpetuando assim as desigualdades sociais encontradas no país. Krawczyk & Silva (2017) também reiteram essa segmentação presente no ensino médio, em que um tipo de formação é oferecido a classes sociais mais privilegiadas, com foco no ingresso no ensino superior. Já para as camadas populares, predomina a baixa qualidade e o foco é sem uma formação técnica também de qualidade duvidosa, orientando os alunos para áreas de trabalho produtivo ou ramos de serviço. Essa diferença de modelos curriculares no contexto de um país com grandes desigualdades como o Brasil acaba por perpetuar e reproduzir as desigualdades sociais.

Sob o conceito de progressividade, que seria a capacidade de providenciar acesso à educação escolar para populações mais pobres e não restrita a matrículas, é possível notar um outro desafio para o campo educacional brasileiro, já que dados demonstram uma associação entre baixo desempenho escolar e os contextos que prevalecem populações predominante negra e parda e em regiões mais vulneráveis que possuem menos acesso a recursos materiais. Esse fenômeno também está relacionado à rápida e desigual expansão do acesso à escola (KRAWCZYK; SILVA, 2017).

Santos (2018) aponta uma diferente perspectiva sociológica sobre as consequências da massificação da oferta escolar na socialização da juventude, afirmando que diferentes fatores adicionais acabariam dificultando a manutenção desse modelo de escola, e que eles afetariam tanto docentes quanto alunos, sendo eles:

i.) a amplificação dos princípios que estruturam as democracias modernas, fragilizando a manutenção de uma unidade de valores e de finalidades atribuídas à escola e ao seu trabalho educativo; ii.) o deslocamento do sentido atribuído à vocação dos docentes, que deixa de ser concebida como adesão de valores universais para referir-se à capacidade destes de serem queridos e reconhecidos como eficientes pelos estudantes; iii.) a ruptura de uma crença que supunha a continuidade entre socialização e subjetivação para a conformação de um indivíduo autônomo e livre, desencadeada pela própria modernidade e pelo crescente apelo à autonomia e autenticidade dos indivíduos para construir suas próprias convicções. (SANTOS, 2018 p. 14)

Partindo das análises de François Dubet, para esta autora esses deslocamentos trazem consequências para a formação e socialização de jovens, já que agora as instituições não são mais capazes de oferecer referências concretas a serem seguidas pelos indivíduos. As instituições, tais como a escola, deixariam de serem locais de aprendizagem de papéis e de normas sociais constantes, cabendo aos indivíduos fazerem um exercício subjetivo para se encaixar e entender sua relação com o mundo. Isso demonstra como mudanças em instituições

refletem também amplamente em como indivíduos interagem com o mundo e em seu processo de socialização.

Um outro aspecto relevante diz respeito ao envolvimento cada vez maior do empresariado na educação pública brasileira, principalmente no ensino médio, utilizando-se do discurso da má qualidade do ensino público, para propor mudanças que beneficiem a formação de jovens apenas para adentrar o mercado de trabalho (KRAWCZYK, 2014).

Krawczyk (2014) reitera um deslocamento das preocupações e intenções da classe empresarial para com o ensino médio no seguinte trecho:

É interessante destacar o deslocamento das preocupações do setor empresarial brasileiro com relação à educação formal. Hoje, o foco desse setor está não só no ensino técnico, como ocorria em outras épocas, mas também, e principalmente, na reorganização curricular do ensino médio regular, com a ampliação do tempo diário de permanência do aluno na escola e mudanças curriculares e na sua gestão. Esse movimento nas demandas do setor empresarial pode ser explicado pelo fato de grandes empresas, inclusive no setor agropecuário, estarem criando as chamadas “universidades corporativas” para prover competências e conhecimentos específicos em cada área (KRAWCZYK, 2014, p. 29)

Como exemplo disso, em 2012, devido as pressões impostas por esse setor, foi concebido o projeto de lei 6840/2013 que reformaria o currículo do ensino médio, dizendo que o atual currículo era ultrapassado e sobrecarregado e que não correspondia à vida do aluno, especialmente no âmbito profissional. Esse projeto de lei é considerado um dos precursores da reforma do ensino médio por meio da Medida Provisória 746 em 2016, e posteriormente transformada na Lei 13.415, em fevereiro de 2017, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores, e a chegada de Michel Temer ao poder (QUADROS; KRAWCZYK, 2019)..

É importante ressaltar que a reforma do ensino médio chega ao lado de uma série de reformas regressivas às conquistas sociais, tais como a limitação dos gastos com educação, saúde e o congelamento do salário-mínimo, a reforma trabalhista e a reforma da previdência. Todas essas reformas foram recebidas com críticas e resistência por parte de movimentos sociais, porém foi aceita com afincamento pelo setor empresarial (FERRETI; SILVA, 2017).

Destaca-se como principais mudanças propostas pela lei da reforma do ensino médio, a ampliação da carga horária, que passa de oitocentas para mil e quatrocentas horas anuais; permanência de apenas matemática, português e inglês como matérias obrigatórias; organização curricular usando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a introdução de itinerários formativos por área (Matemática e suas Tecnologias, Ciências Naturais e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Educação

Profissional); e a flexibilização para o cumprimento dos componentes curriculares (FERRETTI, 2018).

Quadros & Krawczyk (2019) reiteram sobre como a aprovação do empresariado é evidenciada na reforma do ensino médio, tratando-a como “modernizadora” principalmente pela sua proposta de flexibilização do currículo que também tem suas raízes na racionalidade neoliberal, avidamente apoiada pelo empresariado. Além disso, a reforma seria um claro exemplo da ampla influência que os grupos empresariais têm tido na produção de políticas educacionais nos últimos anos.

Outro fator que vem crescendo e se fortalecendo no Brasil de maneira geral, mas que reflete diretamente no campo educativo, é o pensamento conservador e reacionário. Esse crescimento não é um fato isolado, mas acompanha uma tendência mundial, que reflete um esvaziamento do poder político do estado e o fortalecimento do poder de grandes grupos econômicos. No Brasil ele vem sendo representado por alguns movimentos sociais, como o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua, Escola Sem Partido e Todos pela Educação, que são emblemáticos de direita nos últimos anos que compreendem a importância da instituição escolar como agente cultural (SILVA; SOUZA, 2018; ZAN; KRAWCZYK, 2020). . Esses movimentos trazem pautas muito regressivas, incluindo a censura, ataques a políticas inclusivas e a movimentos sociais populares, condenando qualquer prática que valoriza a diversidade sociocultural e ações coletivas, além de se basearem no discurso de meritocracia e do individualismo (SILVA; SOUZA, 2018). Ao lado disso, Zan & Krawczyk (2020) também apontam o processo de militarização das escolas públicas; o Projeto Escola sem Partido; a legalização do *homeschooling* e a inclusão do empreendedorismo nos currículos escolares como os principais tipos de ataque que a escola no Brasil vem sofrendo há muito tempo, mas que ganha força nos últimos dez anos.

Talvez o movimento mais conhecido e disseminado dessa lista seja o Projeto Escola sem Partido, que embora tenha sua origem em 2004, ganhou força a partir de 2014 com a apresentação de um projeto de lei na Câmara Federal. O projeto defende o combate a uma suposta “doutrinação ideológica esquerdista” que partiria dos docentes nas escolas. Dessa forma, maneira culpabiliza e ataca os professores, defendendo a censura e diminuição da autonomia docente nas escolas (SILVA; SOUZA, 2018; ZAN; KRAWCZYK, 2020).

Zan & Krawczyk (2020) salientam as estratégias que são utilizadas pelos apoiadores do projeto, que incluem pressionar o legislativo, aterrorizar os professores para que haja um movimento de autocensura por parte deles, prejudicar sua relação com as famílias dos alunos e ataques aos materiais didáticos destinados aos alunos. As consequências dessas ações são a

perda de um espaço de convívio democrático e a promoção de um espaço de medo e de perseguição. Embora o projeto tenha sido arquivado em 2018, seu legado ainda vive, sendo que 19 outros projetos foram feitos inspirados nele.

A militarização das escolas públicas diz respeito à substituição do corpo docente ou da gestão escolar por oficiais da Polícia Militar (PM), sendo que geralmente as escolas que são oferecidas para esse tipo de gestão são localizadas em regiões de maior vulnerabilidade social e de maiores índices de violência, introduzindo normas rígidas de comportamento. Pode-se notar a diferença da aprovação conservadora nessas escolas, onde o controle exacerbado da gestão não é mais um problema (GROPPO, L. A.; CORROCHANO, M., 2019; C. ZAN; KRAWCZYK, 2020).

Observa-se em contrapartida o ensino domiciliar ou *homeschooling*, que é uma proposta que defende o direito das famílias de serem totalmente responsáveis pela escolarização de seus filhos para evitar a “doutrinação” por parte de docentes, podendo assim, incumbir em seus filhos somente suas visões de mundo e crenças religiosas. A maior preocupação com esse tipo de sistema é o comprometimento da socialização da criança e da sua educação (GROPPO, L. A.; CORROCHANO, M., 2019; C. ZAN; KRAWCZYK, 2020).

Todas essas propostas procuram retirar o poder da escola, e assim retirar poder de professores e professoras, limitando o lugar do Estado na escola pública e beneficiam principalmente partidos de extrema direita, movimento religiosos fundamentalistas e também parte significativa do setor empresarial. Esses projetos também introduzem novas desigualdades educativas e desafios escolares que vem assolando a instituição escolar nos últimos anos (ZAN; KRAWCZYK, 2020). Desta maneira, antes mesmo da pandemia ocorrer, a escola no Brasil já vinha sofrendo ataques que dava mais poder ao setor empresarial e aos setores religiosos e conservadores, e que procurava retirar poder do Estado da escola pública e antagonizar docentes, gestores e estudantes.

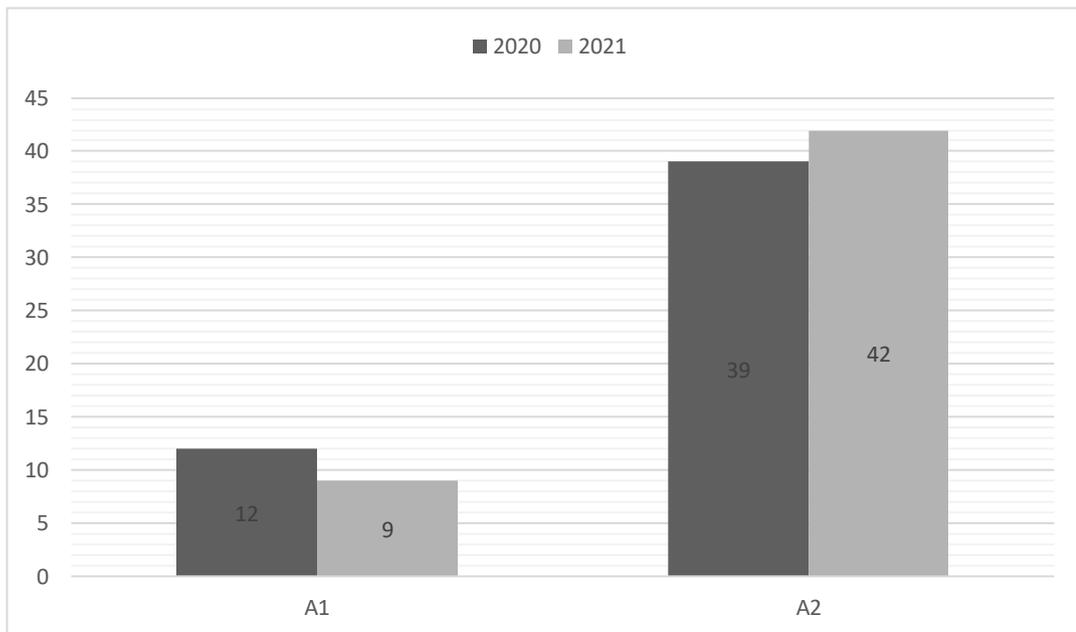
## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Essa monografia realiza um balanço sobre a produção acadêmica feita sobre o tópico de educação e a pandemia do covid-19. A revisão foi feita a partir de periódicos qualificados com Qualis A1 e A2 na área da Educação, entre os anos de 2020 e 2021.

Foram contemplados um total de 47 periódicos: 15 deles qualificados como Qualis A1 e 32 com Qualis A2. Desse total, 09 periódicos qualis A1 e 20 periódicos Qualis A2 contemplavam artigos na temática escolhida. Alcançamos um total de 102 artigos, sendo 21

deles em revistas qualificadas como A1 e 81 em revistas qualificadas como A2. Desse total, 51 artigos foram publicados no ano de 2020 e 51 no ano de 2021 (Gráfico 1).

Gráfico 1- Total de artigos segundo ano e Qualis Capes da revista



Elaboração própria. Fonte: Artigos Selecionados por QualisCapes e ano publicado

É interessante também analisar os autores desses artigos selecionados: um total de 242. Deste total, 80,17% são autores que tem vínculos com instituições brasileiras, e 19,83% são vinculados com instituições internacionais (Tabela 1).

Das instituições internacionais vinculadas 82% são de caráter público, 16% são instituições privadas e 2% não foi definido ou não se aplicava. Em sua maioria, as instituições internacionais vinculadas são de países ibéricos, sendo 31% instituições portuguesas e 19% espanholas (Gráfico 2).

Tabela 1- Países onde as Instituições vinculadas aos autores se localizam

PAÍS	QUANTIDADE	(%)
<b>Brasil</b>	194	80,17%
<b>Portugal</b>	15	6,20%
<b>Espanha</b>	9	3,72%
<b>Colômbia</b>	4	1,65%

<b>Fiji</b>	4	1,65%
<b>Chile</b>	2	1,17%
<b>Canadá</b>	2	0,83%
<b>Estados Unidos da América</b>	2	0,83%
<b>Itália</b>	2	0,83%
<b>Moçambique</b>	2	0,83%
<b>Reino Unido</b>	2	0,83%
<b>África do Sul</b>	1	0,41%
<b>México</b>	1	0,41%
<b>Rússia</b>	1	0,41%
<b>Uruguai</b>	1	0,41%
<b>TOTAL</b>	<b>242</b>	<b>100,00%</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos Seleccionados

Das instituições brasileiras, 48% são localizadas na região sudeste, 28% localizadas na região sul, 16% no Nordeste, 6% no Centro-Oeste e apenas 2% de instituições no Norte brasileiro (Tabela 2) (Mapa 1). As instituições brasileiras que mais apareceram vinculadas com autores foram a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com 12 autores vinculados, seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), com 10 autores vinculados e a Universidade de São Paulo (USP) com 8 autores vinculados (Tabela 2). Esse predomínio de instituições no sudeste do país já foi constatado anteriormente em Nardi (2015), que aponta um maior investimento e uma concentração de programas de pós-graduação nessa região, independentemente da área de estudo.

Tabela 2- Instituições dos autores, segundo regiões do Brasil

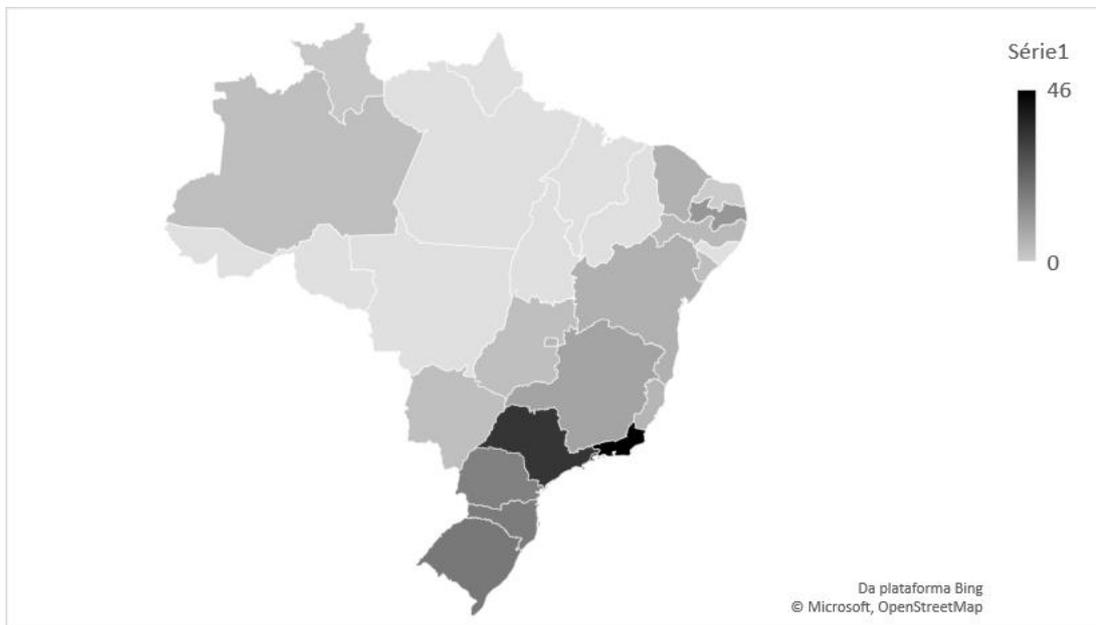
<b>REGIÃO</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>(%)</b>
Sudeste	94	48,45%
Sul	54	27,84%
Nordeste	31	15,98%
Centro-Oeste	11	5,67%
Norte	4	2,06%

<b>TOTAL</b>	<b>194</b>	<b>100,00%</b>
--------------	------------	----------------

Elaboração própria. Fonte: Artigos Seleccionados

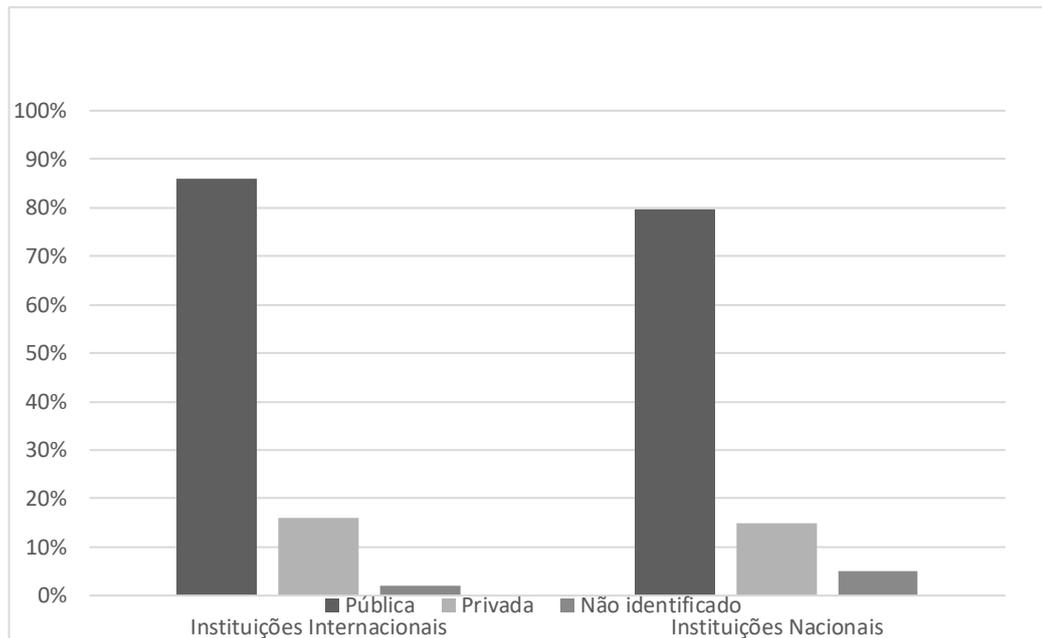
Do total dessas instituições brasileiras, 79% são instituições de caráter público, 15% privada e 6% não foi definido ou não se aplicava. Das instituições públicas, 56% delas eram instituições federais e 32% instituições estaduais, os outros 12% são um conjunto de outros tipos de instituições como prefeituras, secretarias municipais, escolas e instituições de pesquisa (Gráfico 2).

Mapa 1 – Mapa de quantidade de instituições brasileiras vinculadas por estado



Elaboração própria. Fonte: Artigos Seleccionados

Gráfico 2- Divisão percentual de instituições privadas e públicas vinculadas aos autores em território nacional vs internacional.



Elaboração própria. Fonte: Artigos Selecionados

Os autores também foram divididos pelas suas áreas no doutorado. Quando o autor não tinha doutorado, foi considerado a área de seu último grau de formação: mestrado, especialização ou graduação. As cinco áreas de formação que mais se repetem são a de educação, psicologia, letras, linguística ou ciências da linguagem, ensino e pedagogia. É possível notar uma predominância da área de educação, sendo que 64,88% dos autores possuem formação e atuação nessa área. A segunda área mais proeminente é a de psicologia, apesar de ter um percentual consideravelmente menor, com apenas 9,09% de autores com formação na área. Ela é seguida pelas áreas de letras, linguísticas e ciências da linguagem, que constitui apenas 4,13% (Tabela 3).

Tabela 3- Área de formação dos autores

ÁREA	QUANTIDADE	(%)
<b>Educação</b>	157	64,88
<b>Psicologia</b>	22	9,09
<b>Letras, Linguística ou Ciências da Linguagem</b>	10	4,13

<b>Pedagogia</b>	9	3,72
<b>Computação</b>	6	2,48
<b>Saúde</b>	5	2,07
<b>Sociologia</b>	5	2,07
<b>Economia</b>	5	2,07
<b>Filosofia</b>	5	2,07
<b>Ensino</b>	4	1,65
<b>Antropologia</b>	2	0,83
<b>Comunicação</b>	2	0,83
<b>Administração</b>	1	0,41
<b>Educação Física</b>	1	0,41
<b>Engenharia Química</b>	1	0,41
<b>Filologia</b>	1	0,41
<b>Geociências</b>	1	0,41
<b>Gestão de Organizações Aprendentes</b>	1	0,41
<b>História</b>	1	0,41
<b>Música</b>	1	0,41
<b>Tecnologia</b>	1	0,41
<b>Não identificado</b>	1	0,41
<b>TOTAL</b>	<b>242</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos Selecionados

Os artigos selecionados foram divididos em temáticas principais que foram abordadas durante a pandemia na produção científica, os 102 artigos foram agrupados em temas de maneira que facilitasse a organização e compreensão da discussão aqui trazida. Embora em cada artigo seja possível notar uma transversalidade de temas, para fins de análise foi escolhido o eixo temático dominante para cada artigo. Foram definidas nove subtemas principais, sendo que os subtemas que se repetiram menos de duas vezes foram agrupados na categoria “Outros” (Tabela 4).

Tabela 4- Frequência de subtemas nas produções

<b>SUBTEMAS</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem</b>	33	32,35
<b>Sentidos da escola/ educação</b>	18	17,65
<b>Diferenças/ desigualdades na pandemia</b>	17	16,67
<b>Políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia</b>	11	10,78
<b>Trabalho docente</b>	7	6,86
<b>Percepções de docentes/ discentes</b>	5	4,90
<b>Escola e família</b>	3	2,94
<b>Negacionismo</b>	3	2,94
<b>Outros</b>	5	4,90
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos Selecionados

A temática principal mais frequente nas produções foi a do ensino remoto, a modalidade de ensino a distância adotada em grande escala pelo Brasil durante a pandemia. No interior dessa temática são discutidas diferentes terminologias utilizadas no ensino a distância, o uso da tecnologia na modalidade e as diferenças e desafios que a modalidade apresenta para o currículo escolar e para as práticas pedagógicas e avaliativas. A segunda temática mais presente são as que discutem os sentidos da escola e da educação antes, durante e após a pandemia e como superar crises, que podem anteceder ou ser proporcionadas e intensificadas pela pandemia. O terceiro tema mais frequente é sobre diferenças e desigualdades na pandemia, onde se discutem como as desigualdades, sejam elas raciais, sociais, escolares, de gênero, são exacerbadas em períodos de crise como o da pandemia. A quarta temática mais discutida relacionou-se às produções que analisam políticas públicas educacionais em tempo de pandemia e seus impactos na educação.

O quinto tema mais discutido foi o trabalho docente, onde analisam-se os impactos da pandemia sobre essa profissão. A sexta temática foram as produções que focam nas percepções de docentes e discentes, tratando sobre como esses dois segmentos lidaram e se sentiram durante esse período. O sétimo tema trata sobre a relação entre a família e a escola no contexto

pandêmico. A oitava, incorpora artigos que discutem o papel do negacionismo em tempos de pandemia e suas interfaces com a educação.

Por fim, a categoria de “Outros” contempla produções que não puderam ser inseridas em nenhum dos temas mais proeminentes, sendo assim, foram agrupadas nesta categoria de maneira que também pudessem ser discutidas. Em geral tratavam de temáticas como saúde mental, sexualidade, educação não-escolar e ensino de ciências e artes.

A seguir, será analisados cada um desses subtemas.

## 2.1 ENSINO REMOTO: CURRÍCULO, PRÁTICAS, AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

A temática de ensino remoto é a primeira a ser discutida reunindo 33 produções no total, sendo o subtema mais presente na revisão, compondo 32,4% das produções avaliadas. Dessas produções, apenas 4 são em formatos de ensaio (12,1%), sendo as demais, ou seja, 29 (87,9%) em formato de artigo.

As produções aqui encontradas foram escritas por um total de 94 autores. Devido a essa grande quantidade, é possível notar uma grande variedade em suas áreas de formações. A partir disso, é possível perceber um padrão recorrente, não só nessa temática, mas em todas as outras abordadas: uma grande quantidade de autores formados na área de educação, sendo a área mais predominante. Nesse subtema 64% dos autores possuem formação na área da educação, 15,7% na área da psicologia e 4,5% na área de letras, linguística ou ciências da linguagem, sendo essas as três áreas de formações de autores mais recorrentes (Tabela 5).

Tabela 5 – Área de formação dos autores no subtema “Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem”

<b>Área de Formação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Educação</b>	57	64,0
<b>Psicologia</b>	14	15,7
<b>Letras, Linguística ou Ciências da Linguagem</b>	4	4,5
<b>Computação</b>	2	3,4
<b>Economia</b>	1	2,2
<b>Administração</b>	1	2,2
<b>Filologia</b>	1	1,1
<b>Filosofia</b>	1	1,1

<b>Música</b>	1	1,1
<b>Sociologia</b>	1	1,1
<b>Tecnologia</b>	1	1,1
<b>Não identificado</b>	1	1,1
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Nessa seção foram destinadas produções que discutiam a modalidade de ensino a distância, vastamente aplicada durante a pandemia no Brasil e no mundo, dentro desse tema é possível perceber algumas similaridades nos assuntos abordados, para maior compreensão e melhor análise as produções foram divididas em 6 subseções temáticas (Tabela 6).

A primeira temática a ser apresentada é a de Currículo, que irá discutir as mudanças e adaptações que a nova modalidade de ensino impôs aos currículos de escolas; a segunda temática é denominada de Modalidades de ensino a distância, que discute o debate entorno da terminologia utilizada durante a pandemia para se referir a novas modalidades de ensino aplicadas; em seguida discutem-se as práticas pedagógicas dentro do ensino a distância durante a pandemia, a quarta subseção denominada de Competência digital e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação discute sobre os papéis da tecnologia nesse período e sobre a competência digital necessária para o campo educacional, a quinta temática denominada de Processo de ensino-avaliação discute sobre o processo de avaliação e como ele foi afetado durante a pandemia e por fim, a última seção é a denominada de Gestão escolar, que discute a temática de gestão escolar durante a pandemia na modalidade de ensino remoto.

Tabela 6- Temáticas principais do subtema “Ensino remoto: currículo, práticas, avaliação e aprendizagem” dividido por ano.

<b>Temáticas principais</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Currículo</b>	5	2	7
<b>Modalidades de ensino a distância</b>	3	4	7
<b>Práticas pedagógicas</b>	3	3	6
<b>Competência digital e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação</b>	3	2	5

<b>Processo de ensino-avaliação</b>	1	4	5
<b>Gestão escolar</b>	1	2	3
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>33</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

### 2.1.1 Currículo

Nessa subseção serão exploradas as produções que focam na temática de currículo no contexto da pandemia e da implantação da modalidade de ensino remoto emergencial, algumas discutem no contexto geral de mudanças em políticas curriculares impostas, enquanto outras focam em casos específicos, esta categoria é composta de 7 produções, em que uma é em formato de ensaio e 6 em formato de artigo.

As produções de Oliveira; Gomes & Barcellos (2020) e Morgado; Souza & Pacheco (2020) abrangem o tema de currículo de maneira geral, enquanto o primeiro foca em uma discussão de uma perspectiva pós-pandêmica, o segundo traz a discussão por meio de um ensaio sobre como o currículo foi alterado durante a pandemia.

Oliveira; Gomes & Barcellos (2020) objetiva analisar a literatura existente sobre fechamentos de escolas, para saber quais mudanças e implementações curriculares são mais eficazes para mitigar os impactos desse período na educação dos alunos após o encerramento da pandemia e a abertura das escolas. Os autores afirmam que as opções mais óbvias para esses conflitos como a utilização do ensino remoto, uso de tecnologias e um aumento de carga horária não são soluções eficazes a longo prazo, e que em contrapartida, os esforços deveriam ser colocados em intervenções mais robustas, que partem do diagnóstico dos alunos para a retomada de programas de ensino, procurando reduzir o absenteísmo e promover programas intensivos de tutoria para alunos que apresentam mais dificuldade.

Em seu ensaio, Morgado; Souza & Pacheco (2020) pretendem refletir sobre as transformações curriculares que ocorreram durante o período pandêmico. Os autores se embasam em Estévez (2020) ao utilizar o termo *zoomismo*, nome derivado da plataforma Zoom, que consideram um novo modo de produção originado no disciplinamento da classe média e que o controle social seria dado através de uma imobilidade produtiva. Para os autores, o *zoomismo* combinado com o confinamento social geraram um isolamento curricular, ou seja, um movimento social que procura a eficiência, resultando em um currículo que foca apenas na instrução, e alertam sobre os efeitos negativos que esse tipo de movimentação pode ter sobre a

educação. Concluem que embora a tecnologia tenha passado a ser parte do cotidiano escolar, não poderão substituir relações pedagógicas que são fundamentadas em interações pessoais e presenciais.

Nos artigos de Fernandes; Monteagudo & Mena (2020), Carvalho & Lima (2020) e Okada & Sheehy (2020) é apresentada a discussão sobre currículos a partir das perspectivas e concepções de professores ou estudantes, com um olhar multicultural que analisa o Brasil, mas também os países de Colômbia, Espanha, Portugal e Reino Unido, apresentando como diferentes contextos podem afetar o debate sobre o currículo.

Fernandes; Monteagudo & Mena (2020) procura discutir a concepção sobre ensino de professores de três países, Brasil, Colômbia e Espanha, durante a pandemia com o objetivo da construção de um currículo que leve essas percepções em conta. Para isso, o artigo analisa documentos governamentais do Ministérios da Educação dos três países em questão e as contribuições de professores que foram enviadas na plataforma digital GEOFORO Ibero-Americano sobre educação intitulado de “O Coronavírus: Uma experiência de aprendizagem”. Se aportando em Ball (2011), o artigo discute a importância de entender o currículo como uma construção permanente que se baseia em influências, e afirma que a contribuições dos participantes demonstram como o currículo muda dependendo do contexto social do local e do ambiente educacional, e a importância da flexibilidade de práticas pedagógicas, que sejam relevantes para o ambiente em que os alunos estejam inseridos. Concluem que o que as práticas pedagógicas aplicadas pelos participantes do GEOFORO demonstram é a importância de superar a noção que o currículo é um documento a ser seguido e focar em na ideia de currículo como prática.

Já Carvalho & Lima (2020) discutem as questões de político-curricular pela perspectiva de pais/responsáveis e de professores de escolas públicas e privadas nas cidades do Rio de Janeiro no Brasil, e Lisboa em Portugal. Aportando-se nas ideias de Bhabha (2013) que problematiza o movimento de migrantes indianos em solo inglês na condição de “estrangeiros”, as autoras assim utilizam dessa ideia de estrangeiro em relação a tecnologia diante a pandemia. Para as autoras a pandemia alterou as formas que experienciamos os debates político-curricular, porém enfatizam que a crise não se deu devido ao distanciamento social, e que já via se apresentando discussões que favoreciam a ideia de um currículo padronizado, sendo assim, rejeitam as ideia de currículos nacionais e de plataformas prontas de ensinios, que para elas deixam escapar a essência do que a educação deveria ser, afirmando que processo político-curricular não pode ser encaixado totalmente num padrão.

Okada & Sheehy (2020) é o último artigo a discutir currículo em um contexto

multicultural. Analisam o valor da diversão na EaD especialmente no Ensino Superior, examinando as opiniões de estudantes via uma pesquisa feita na *Open University* no Reino Unido com alunos do curso introdutório apoiado pela Pesquisa e Inovação Responsáveis (RRI), que é uma metodologia que envolve os participantes da pesquisa na discussão de seu processo e resultados. O estudo apresenta três contribuições principais para estudos sobre diversão na aprendizagem, a primeira é sobre como há variações na literatura e na visão dos estudantes sobre os significados etimológicos na diversão, e que essas divergências afetam na visão de mundo do papel da diversão no aprendizagem, a segunda seria sobre a identificação das relações entre diversão e aprendizagem, apresentando o resultado que 87% dos estudantes concordam que o processo de aprendizagem deveria incluir diversão e 17% dos estudantes acreditam que diversão prejudica o processo de aprendizagem, e a terceira seria sobre as recomendações desenvolvidas a partir dos resultados para projetistas de currículo, professores e estudantes.

Os últimos artigos a serem discutidos nessa temática analisam currículos específicos implementados durante a pandemia em regiões brasileiras, em Pimentel & Coité (2021) é analisado o currículo de escolas de campos da região oeste do estado da Bahia, e em Ferreira; Brito & Scherer (2021) analisa currículos implementados no município de Araucária no estado do Paraná.

Através de uma pesquisa exploratória e documental Pimentel & Coité (2021) discute sobre política curricular na Educação do Campo na educação básica, analisando a percepção dos dirigentes municipais da educação de 14 municípios da região Oeste da Bahia durante a pandemia. Apontando uma defasagem no desenvolvimento de atividades formativas para docentes sobre o uso de tecnologia na educação que reflete em um momento de crise como o da pandemia. Os autores também criticam as estratégias tomadas pelos municípios analisados durante esse período, afirmando que elas não levam em consideração o regime especial de atividades curriculares que ocorreriam no ensino domiciliar, imposto pela pandemia e que muitos dos municípios não tomaram ações específicas de apoio para os estudantes enquanto as atividades escolares estavam suspensas. Concluem que a pesquisa demonstrou uma falta de planejamento institucional para atender os alunos durante a pandemia, e que como a vivência em escolas do campo são diferenciadas é necessário a superação desses problemas, para lutar contra desigualdades existentes e garantir o direito de educação de todos.

Ferreira; Brito & Scherer (2021) apresentam uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória com professoras da Educação Básica no município de Araucária no Paraná, analisando currículos produzidos durante a pandemia e procurando identificar aspectos inovadores sobre a utilização de tecnologias digitais. A partir da análise, o artigo considerou

currículos inovadores os que exploram conteúdos de maneiras diferentes do que os previstos em orientações curriculares, que contém metodologias que utilizam tecnologias digitais, mas que não imitam o papel de lousa e giz e currículos que compõe aulas em que o aluno é participante ativo e que produz conhecimento junto com a tecnologia. Concluem que o que falta para professores, é a compreensão de um currículo em ação, que não se prende a documentos normativos, e que a partir disso é possível alcançar inovação em conjunto com tecnologias digitais.

### **2.1.2 Modalidades de ensino a distância**

Esta subseção é composta por 7 produções, sendo 2 em formato de ensaio e 5 em formato de artigo. A temática central das produções aqui apresentadas será sobre as discussões e diferenciações que envolvem as modalidades de ensino a distância durante a pandemia, suas terminologias, similaridades e disparidades. Nas produções que discutem educação no contexto brasileiro o debate se apresenta principalmente com as terminologias Ensino remoto emergencial (ERE) e Educação a Distância (EaD), observa-se uma tendência em sua maioria de as apresentá-las como modalidades distintas.

O debate no Brasil foi bem resumido em Saldanha (2020) que discorre sobre o discurso do ensino remoto durante a pandemia em oposição à EaD, identificando suas similaridades e distinções. O autor aponta que desde o começo da pandemia se pode observar um esforço para se distinguir ERE e EaD em publicações, documentos e artigos, colocando-os em oposição. Argumenta que o ERE é geralmente retratado como improvisado, faltando planejamento e metodologia quando comparado ao EaD, o autor, porém ressalta que essas concepções vêm de uma ideia homogeneizada do EaD, ignorando que existem modelos de EaD que são carentes de planejamentos e modelo pedagógico coerentes com a modalidade e que contam com características parecidas com o ERE como aulas de longa duração que podem ser síncronas ou assíncronas. O ensaio conclui que o ERE e a EaD não devem ser demarcados como polos uns dos outros, como se a EaD possuísse todas as virtudes de um ensino não presencial. Muitas das outras produções aqui exploradas seguem esse padrão que Saldanha (2020) aponta, colocando EaD e ERE em oposição.

Celestino & Viana (2021) focam na discussão sobre a modalidade de EaD que objetiva verificar se o ensino implementado pelas instituições escolares no Brasil durante a pandemia tem seguido as etapas de organização e elaboração sugeridas pela literatura. Para isso, os autores apresentam uma análise documental de mídias *online* como jornais, revistas e portais de

notícias. Os resultados demonstram que devido ao caráter imediato e inédito do contexto da pandemia, a implementação da EaD aconteceu sem planejamento e sem seguir a literatura, com a exceção de instituições como cursinhos que já implementavam a EaD, as escolas não apresentaram em sua organização a identificação de como a EaD se enquadra em seus objetivos e valores e que a compreensão do seu público-alvo parece restrita ao que já era conhecido, sem compreender suas demandas, expectativas e o acesso a tecnologias. Conclui-se que em sua maioria, as instituições implementaram o Ensino remoto, onde as aulas que seriam passadas presencialmente são transpostas para o ambiente virtual.

Já em Picoli & Guilherme (2020), é possível observar uma perspectiva mais crítica da modalidade, sendo que a produção aproveita o contexto da pandemia para levantar a discussão sobre a modalidade de EaD. A discussão toma forma no ensaio que procura refletir se é possível uma “língua da educação” na modalidade de EaD, questionando se há espaço dentro da modalidade para o diálogo ético, uma resposta apropriada para o chamado do Outro e até mesmo para transcendência. Todas essas questões são respondidas a partir de uma pesquisa bibliográfica nas obras de Levinas e Gur-Ze’ev. Os autores concluem que a EaD não oferece as condições necessárias para essa língua da educação, mas diferenciam essa modalidade do ERE em que aulas permanecem de modo síncrono, destacam que essa interação entre professores e alunos é vital para a língua da educação e todas as outras questões levantadas. Para os autores, na EaD oferece uma educação limitada a aprendizagem, cumprindo um papel de modelagem desumanizadora, evitando o contato e encontro com o Outro, impossibilitando a construção de caráter e responsabilidade ética.

Nakano; Roza & Oliveira (2021) também destacam a diferença entre EaD e ERE, já que no ERE se possui encontros síncronos, em que a mudança principal é que as aulas que antes eram feitas de maneira presenciais agora são feitas em ambientes virtuais. O ensaio propõe uma reflexão sobre as condições que essa modalidade foi implementada durante a pandemia, destacando as principais dificuldades associadas a modalidade nesse contexto. Mencionam espaços virtuais sobrecarregados que não aguentam a demanda em seus servidores, a falta de competência digital de professores, exclusão digital de alunos de menor renda e a dificuldade com envolvimento das famílias como dificuldades a serem superadas na modalidade ERE. Concluem que em circunstâncias ideais, a oferta de ensino remoto seria feita com planejamento, organização e disponibilidade tecnológica capazes de atender as demandas de docentes e discentes, mas que como essas não são as situações apresentadas, ainda assim é possível utilizar as aprendizagens desses momentos para situações adversas no futuro.

Em seu artigo Charczuk (2020) objetiva expor o debate sobre as possibilidades de

encontros entre professores, alunos e conhecimento no ensino remoto emergencial provocado pela pandemia, para isso, é seguido a metodologia de construção de caso, baseado na perspectiva psicanalítica freudo-lacanianiana. Novamente é possível observar uma preocupação em diferenciar a EaD no ERE, categorizando o EaD como uma modalidade que está ancorada em pressupostos teórico-conceituais que sustentam práticas didático-pedagógicas enquanto o ERE seria somente uma transposição do trabalho presencial para o espaço digital. A autora conclui que é possível estabelecer dentro do ERE a transferência entre professor, aluno e conhecimento, mesmo que nesse novo espaço e modalidade se instaurem novas formas de mal-estar.

Em produções que discutem sobre educação em um contexto global ou internacional, a terminologia para se discutir sobre ensino a distância se torna menos homogênea. Brucasto & Baptista (2021) apresentam uma análise sobre as diferentes modalidades de ensino focando no Ensino Superior via uma revisão da literatura e refletem sobre a percepção de estudantes e professores universitários que foram impactados pela pandemia via um questionário aplicado na região Algarve, em Portugal e no Rio Grande do Sul, no Brasil. É importante destacar que de maneira geral artigos que focam em instituições portuguesas de ensino não tendem a distinguir entre modalidades de ensino a distância, utilizando restritamente a terminologia de EaD e não utilizando a de ERE, sendo assim, as modalidades que são discutidas nesse artigo são *e-learning* (modalidade a distância), *b-learning* (modalidade híbrida) e a modalidade presencial. Os autores alertam sobre a ineficiência de utilizar tecnologia para somente transpor o ensino presencial para o a distância, e propõe que haja inovação na perspectiva do processo de ensino-aprendizagem. Sobre a perspectiva dos alunos e professores, foi relatado que a maioria dos participantes consideram o ensino a distância pior que o presencial, com dificuldades comunicativas, avaliações mais difíceis, descrevendo uma exigência maior e uma aprendizagem pior. Enquanto os professores relatam que empregam mais tempo e esforço na modalidade a distância, os alunos relatam uma menor dedicação.

Chiappe & Wills (2022) também apresentam uma visão global sobre o debate, utilizando o contexto da pandemia para discorrer sobre *Open Educational Practices* (OEP), que pode ser traduzido para Metodologia de Educação Aberta, *Distance Education* (DE), traduzido como Educação a Distância e *Virtual Education* (VE), traduzido como Educação Virtual, que seriam modalidades de ensino comuns para Ensino Superior. Distinguem o VE pela sua característica assíncrona, mas colaborativa, utilizando de tecnologia para abrir um espaço que possibilite apoio personalizado e feedback, diferentemente da DE que é definida por encontros pré-determinados e esporádicos entre o tutor e aluno, e que coloca a responsabilidade no aluno de

estudar por conta pelo material didático disponibilizado pela instituição. Enquanto OEP seria um tipo de educação “aberta” para todos, que possui características semelhantes a VE e DE, que se desenvolveria em comunidades colaborativas via tecnologias comunicativas. Para os autores, com a chegada da pandemia e o isolamento social que se sucedeu, essa modalidade de ensino seria capaz de sanar dificuldades educativas como desigualdades educativas devido a custos para acesso ao Ensino Superior e falta de tempo de estudantes que estão no mercado de trabalho.

### **2.1.3 Práticas pedagógicas**

Para a seguinte subseção, foi destinado artigos que focavam na temática de práticas pedagógicas no contexto da pandemia, principalmente na modalidade de ensino a distância ou remoto, podendo analisar materiais ou ferramentas utilizadas e perspectivas docentes e discentes sobre as mudanças nas práticas escolares. A subseção é formada por 6 produções ao total, todas elas em formato de artigo.

Em artigos como Bruno & Hessel (2021), Ranieri; Gaggioli & Borges (2020) e Severo; Brito & Carreiro (2021) houve uma preocupação em narrar as experiências gerais por parte de docentes e discentes sobre as mudanças pedagógicas sofridas durante a pandemia.

Bruno & Hessel (2021) objetivam apresentar percepções e práticas adotadas por 3 discente e 3 docentes do Ensino Superior, sobre as aulas remotas desenvolvidas durante a pandemia, para isso, investigam os dados em forma de narrativas, aportando-se nas concepções de Freire (1987) sobre inédito-viável e em Morin (2002) sobre complexidade e compreensão. O artigo demonstra um olhar bem positivo a partir que os docentes relataram como o período de ERE, afirmando que o período proporcionou transformações nas práticas-pedagógicas adotadas, fomentando experiências inovadoras que eram desejadas e necessárias há tempos com a utilização de tecnologias digitais, também relatam que os relatos dos discentes corroborarão com essa narrativa de inovação e que evidenciou um protagonismo compartilhado por todos os participantes. O artigo conclui que essas mudanças empregadas durante o ERE, em que os docentes foram forçados a utilizar dos recursos digitais disponíveis, devem se tornar permanente e transformar a prática docente para que seja integrada aos processos didáticos-pedagógicos, e não somente a digitalização do ensino presencial.

Os outros dois artigos possuem uma visão menos positiva sobre o período, focando mais nas dificuldades encontradas do que nas possibilidades do futuro. Severo; Brito & Carreiro (2021) sistematiza como foi a experiência na disciplina “Pedagogia Universitária e Didática

do/no Ensino Superior” ofertada para a Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2020, durante a pandemia, a partir um questionário virtual que foi aplicado nos estudantes com o objetivo de levantar informações sobre suas compreensões sobre tópicos abordados na disciplina como didática e formação docente e suas perspectivas sobre o percurso de aprendizagem em relação ao ensino remoto. Os estudantes relataram as dificuldades enfrentadas com a modalidade, como sobrecarga nas atividades cotidianas e dificuldade de concentração e de manter uma rotina de estudos, e os elementos que favoreceram o processo de aprendizagem como maior disponibilidade do professor para orientar.

Ranieri; Gaggioli & Borges (2020), onde pretendem analisar as respostas de professores do Ensino Fundamental na Itália sobre os desafios levantados pela didática (da Educação) a distância (DaD) durante a pandemia, por meio de um questionário online. A partir dos resultados apresentados, apontam que o sucesso ou fracasso da DaD depende da relação de múltiplos fatores, como competências didáticas e tecnológicas dos professores, disponibilidade de tecnologias e ambientes dos estudantes e o papel da avaliação nos processos de ensino e aprendizagem. Destacam a necessidade de fortalecer o planejamento por parte dos docentes, já que a tendência foi recorrer a formatos educacionais individualizados, como aulas gravadas e tarefas enviadas no sistema educacional, reforçam a importância e possibilidades de estratégias didáticas colaborativas, que podem promover interação entre os alunos, característica importante numa situação de isolamento social. garantir acesso aos estudantes não só a tecnologia e internet, mas também a promoção de competências digitais.

Outro tipo de artigo encontrado nesta subseção são os que focam em discutir matérias e ferramentas utilizados para a prática pedagógica durante o período da pandemia. Rodríguez et al. (2020) objetivam descrever e analisar as principais propostas de materiais didáticos digitais elaborados sobre covid-19, direcionados a um público infantil e juvenil espanhol, por meio da abordagem metodológica de revisão bibliográfica. O artigo destaca a velocidade em que os materiais didáticos foram preparados, já que a pesquisa foi realizada em maio de 2020, devido a necessidade de materiais informativos sobre o tema, em razão disso, os materiais apresentam alta flexibilidade e capacidade adaptativa. Os materiais mais comuns foram histórias (texto narrado), infográficos, vídeos, atividades ou guias, e os autores chamam atenção pela falta de materiais que envolvem o emocional e vivências de alunos, sendo as temáticas mais recorrentes: origem do vírus, características do vírus, características da doença e medidas de prevenção. Apesar de seu caráter digital, é relatado que em sua maioria não aproveitam das características e possibilidades dessa modalidade, como a interatividade e a acessibilidade. O artigo conclui que a partir da análise foi possível observar uma certa obsessão em priorizar e responder a

demandas curriculares, partindo de uma ideia de tentar se recuperar o tempo perdido, e que a análise e reflexão em cima dos materiais apresentados são a oportunidade de repensar o papel de materiais didáticos no desenvolvimento de práticas pedagógicas.

Já em Neves et al. (2021), por meio de uma metodologia qualitativa do tipo pesquisa-ação, procuram analisar e compreender a experiência formativa possível por meio de transmissões em tempo real, mais conhecidas como *lives*, na área de educação em saúde. Foram realizadas 9 *lives* com temas de educação para a prevenção, diagnóstico e cuidado com a covid-19, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia, com a parceria de profissionais de um hospital público em João Pessoa e professores da Universidade Federal de Paraíba e a Universidade Estadual do Ceará. A pesquisa confirmou a efetividade de *lives* como uma ferramenta para a disseminação de informações confiáveis e para a formação em saúde, já que as *lives* eram destinadas ao público de profissionais da saúde e educação em saúde. Os desafios encontrados foram: falta de competência digital por parte de alguns palestrantes convidados para manejo da ferramenta digital utilizada, e a inacessibilidade para algumas pessoas vulneráveis que não teriam acesso à internet ou a tecnologia necessária para participação.

A última produção a ser discutida nesta subseção é de França; Masella & Aragão (2020) que apresenta um estudo de caso do trabalho pedagógico feito na Escola Municipal de Educação Infantil Nelson Mandela, localizada na Zona Norte de São Paulo, que adota as relações étnico-raciais como um de seus eixos principais, o artigo objetiva mapear as principais características das práticas pedagógicas implementadas durante a pandemia. Entre as práticas apresentadas destacam-se o estabelecimento de um calendário em que publicações sobre o projeto didático e educação antirracista eram disponibilizados para as famílias com o intuito delas compartilharem com as crianças e encontros virtuais entre os professores e as crianças, possibilitando que as crianças interajam entre si de maneira síncrona. De maneira geral, o artigo relata esse processo, em que foi notado que o ensino remoto não abrange todos os alunos, principalmente na educação infantil em que a interação e vivências são partes intrínsecas do currículo, o desafio a ser superado então, foi desenvolver propostas na modalidade remota que seguissem a base pedagógica antirracista já estabelecida na escola em diálogo com as crianças e famílias.

#### **2.1.4 Competência digital e tecnologias digitais da informação e comunicação**

A seguinte subseção é composta por 5 produções ao total, sendo que todas elas são em forma de artigo, abordando a temática de competência digital, seja em docentes ou discente e

TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação).

A maioria dos artigos aqui encontrados discutem de alguma maneira competência digital e sua importância, já que com a vinda do ensino a distância a relação da educação e tecnologia aumentou de maneira exponencial, Cuadrado; Sánchez & Torre (2020), Sorochinsky (2021) e Ivenicki (2021) são todas produções que discutem sobre competência digital seja na formação de alunos ou na atuação de docentes.

Cuadrado; Sánchez & Torre (2020) propõe uma proposta para treinamento e formação de docentes em competências tecnológicas e digitais usando como base os descritores apresentados no DigComp (Digital Competence Framework for Citizens), usando feedbacks recebidos de cursos de formação ofertados para docentes universitários de maneira online na forma de NOOC (Nano-Open Massive Courses) nas edições de 2016-2017. Nesses cursos foram ensinadas as ferramentas mais utilizadas em ambientes de ensino e pesquisa, permitindo que os docentes realizem buscas avançadas em ambientes confiáveis. Portanto, o estudo aqui apresentado não possui relevância direta com a pandemia, mas os autores concluem que a situação emergencial da covid-19 colocou o assunto de competência digital para docentes em evidência, acreditam que os recursos e técnicas que existem no NOOC podem ser eficazes em momentos de emergências em que a utilização da tecnologia se faz necessária.

Em seu artigo, Sorochinsky (2021) também analisa quais competências digitais são necessárias para um docente sanar as necessidades educacionais dos alunos ao utilizar tecnologias para ensino a distância. Para isso foi aplicado um questionário desenvolvido pelo Centro de Análise em Alfabetização Digital de Professores Russos em alunos e professores do Ensino Superior na região de Yakutia na Rússia. Para determinar suas competências tecnológicas no processo educacional durante a pandemia. Os resultados apontam que as competências dos alunos acompanham a média Russa e que os professores apresentam um resultado um pouco acima da média (por 5,7%), a autora apresenta uma estratégia para melhorar a competência digital de professores e alunos que envolve a criação de ecossistemas digitais, construção de uma trajetória individual para o desenvolvimento de competências, interação com centros de educação e de formação profissional e participação em conferências, competições e sessões estratégicas que outros eventos de desenvolvimento de habilidades.

Ivenicki (2021) pretende discutir educação digital, que seria um ensino que é desenvolvido com o auxílio da tecnologia, como educação continuada num contexto universitário brasileiro via metodologia de estudo de caso, analisando especialmente o contexto na pandemia e o papel da Universidade Aberta do Brasil, que é um programa de EaD desenvolvido por múltiplas universidades públicas brasileiras que pretende oferecer cursos de

Ensino Superior *on-line*, mas que por enquanto foca em educação inicial e continuada de professores. O artigo realça a importância de entender o contexto do Brasil e seus desafios socioeconômicos no Ensino Superior para discutir a temática, afirmando que embora educação digital tenha o potencial de promover interiorização e internacionalização no Ensino Superior num país multicultural como Brasil, que sua implementação deve sempre ser vista na luz da “inclusividade”, para garantir acesso para todos.

Nos restantes artigos dessa subseção é discutido sobre o papel que as TDICs podem ter na educação. Reis & Quiroz (2020) apresenta um modelo de formação virtual universitária durante a pandemia via a implementação de espaços virtuais que possibilite passar o ensino presencial para o remoto sem comprometer a qualidade do ensino. No modelo apresentado é recomendado que a entrega de conteúdos seja feita de maneira assíncrona, e reservar os encontros síncronos para desenvolver momentos de participação ativa dos alunos em que dúvidas possam ser respondidas. E concluem que o trabalho de formação de competências digitais, tanto para discentes quanto para docentes deve transcender a crise da pandemia e que instituições de ensino superior devem garantir que seus professores estejam atualizados e sejam capazes de utilizar as ferramentas virtuais necessárias.

Escola (2020) propõe uma reflexão sobre o conceito de comunicação educativa, proposto por Paciano Feroso, durante a pandemia dentro do contexto do ensino a distância imposto em Portugal. O autor difere comunicação educativa dos demais tipos de comunicação, sendo ela qualificada, participativa e donativo e designa quatro axiomas para a discussão do tema. Sendo o primeiro que não há educação sem comunicação, o segundo discute a relação entre a existência e a educação, a terceira onde é defendido que uma comunicação formativa e instrutiva deve abrir espaço para uma comunicação intersubjetiva entre professores e alunos, o quarto e final axioma reconhece que os recursos de ensino e os recursos digitais devem ser integrados, sendo que há um diálogo na história das tecnologias educativas com a comunicação educativa. Conclui que devido a pandemia e seu impacto no sistema de educação português foi possível identificar os potenciais de dispositivos tecnológicos no processo de comunicação educativa, mas que também salientaram o lugar inquestionável da comunicação intersubjetiva que ocorre no ensino presencial.

### **2.1.5 Processo de ensino-avaliação**

Essa subseção é composta de 5 produções, sendo que apenas uma se apresenta em formato de ensaio (20%), e as demais possuem formato de artigo (80%). Nessas produções, a

temática abordada foi o de avaliação durante a pandemia sob a modalidade de ensino remoto emergencial, foi incluído nessa categoria, artigos que discutem avaliação externa, podendo ser utilizada como uma ferramenta pela gestão escolar para a avaliação institucional e também a avaliação educacional como um processo interno nas escolas que procuram mensurar a aprendizagem dos estudantes.

Louzada, Amancio & Rossato (2021) em seu ensaio procuram discutir o processo de avaliação institucional e políticas educacionais, partindo do conceito de gestão escolar democrática, analisando uma instituição que pertence a rede pública do Rio de Janeiro que atende na modalidade de ensino infantil, sendo assim, problematizam as orientações governamentais passadas durante o período pandêmico em que as aulas presenciais foram suspensas. Se embasam na produção de Sordi & Ludke (2009) afirmando que a avaliação institucional partindo de uma perspectiva coletiva possibilitam monitorar as condições que podem prejudicar ou potencializar os processos de ensino aprendizagem aplicados na instituição. A partir disso, os autores afirmam que na instituição avaliada foi encontrado práticas e políticas educacionais que não contemplavam as especificidades da educação infantil, sendo que brincadeiras e as interações entre as crianças não eram contempladas no currículo e nem nas práticas pedagógicas, e que o processo avaliativo se encontrava completamente dissociada do processo de aprendizagem. Concluem que o processo de avaliação possibilitou mudanças gradativas positivas das práticas pedagógica, mesmo que o seu desenvolvimento tenha apresentado obstáculos e resistência.

O ensaio anterior se difere por focar no processo de avaliação institucional como ferramenta para reflexão e melhoras institucionais em escolas, muito mais comum nessa categoria são artigos que refletem sobre o processo de avaliação como o processo que ocorre dentro das escolas que procuram acompanhar e mensurar as aprendizagens individuais dos alunos, como em Martins & Gabriel (2021), Pereira et al. (2020), Garcia & Garcia (2020) e Pimenta & Souza (2021).

Em Martins & Gabriel (2021) se pode observar esse debate em forma de artigo, a partir de uma abordagem discursiva analisam documentos produzidos durante o fechamento das escolas pelas secretarias estaduais de educação dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, procuram debater as articulações feitas sobre avaliação-aprendizagem, aportando-se em debates apresentados em Biesta (2017) e Luckesi (2008). Os autores concluem que o contexto excepcional imposto pela pandemia resultou em uma hibridização das tradições e traduções nos conceitos de avaliação-aprendizagem, e que ao invés do contexto trazer novos debates, o que se observa é as mesmas tensões clássicas que datam períodos prévios a pandemia, apontando

um aumento de atrito entre os conceitos de negociação entre os sentidos da aprendizagem em contrapartida com a perspectiva de aquisição de algo externo por parte do aluno.

Em Pimenta & Souza (2021) foi feito uma análise documental sobre artigos científicos que exploravam o tema de currículo e avaliação durante a pandemia procurando delinear como o trabalho escolar foi continuado na modalidade de ensino remoto. Utilizando como base teórica Sousa (2010), os autores afirmam que a tendência encontrada pela pesquisa foi a ideia de avaliação como medida de conhecimento com fim de classificar os alunos, e apontam o caráter seletivo e autoritário presente nessa ideologia, focando em resultados como expressão de qualidade de ensino, sem considerar o contexto e sua interseção com o currículo.

Pereira et al. (2020) se preocupa em apresentar uma análise das práticas avaliativas aplicadas por um grupo de professores na matéria de Estágio Curricular de um curso de Pedagogia durante a pandemia, sendo assim seu foco é em um ambiente de ensino superior na modalidade do ensino remoto. Os autores ressaltam a importância de o processo avaliativo ser permanente e contínuo para que seja possível abrir espaço para novos formatos de racionalidade e inteligência, aportando-se assim como o último artigo, em Luckesi (2017). Tendo esse tipo de condição avaliativa como base, os professores utilizaram da ferramenta “*e-portfólios*” para o processo avaliativo mencionado no artigo, para eles a ferramenta permitiu que o processo avaliativo fosse permanente, continuado e formativo e acompanhado pelos professores, mesmo que de maneira digital e remota.

De maneira similar, Garcia & Garcia (2020) também se preocupa em discutir o processo de avaliação no ensino superior dentro da modalidade de ensino remoto, a partir de uma pesquisa qualitativa exploratória. O levantamento foi feito a partir de entrevistas on-line feitas com professores universitários que estavam trabalhando no contexto de ensino remoto emergencial, a pesquisa demonstrou que os professores alteraram as maneiras que eles avaliavam os alunos durante esse período. Os autores afirmam que as mudanças ocorreram nos âmbitos de estratégias didáticas, dos critérios avaliativos e na significação da avaliação, os professores também demonstraram preocupações sobre a efetividade das mudanças avaliativas durante esse período, mas o artigo reflete que essas consequências só poderão ser realmente avaliadas no futuro.

### **2.1.6 Gestão escolar**

Nesta última subseção se encontra artigos que discutem como a pandemia e o ensino a distância afetaram a gestão educacional, sendo formada por três produções, todas elas em

formato de artigo.

É possível observar nos artigos de Gusso et al. (2020) e Naidu et al. (2021) uma perspectiva mais prática, nesses artigos a preocupação é discutir táticas que a gestão pode implementar para conseguir lidar com momentos de crise como o da pandemia. Em Gusso et al. (2020) é apresentado propostas para orientar o trabalho da gestão universitária ao avaliarem as dificuldades e desafios que resultam da situação emergencial da pandemia, as propostas são baseadas na concepção de Ensino Superior orientada para o desenvolvimento da capacidade de atuação profissional, que se diferenciaria à simples transmissão de conteúdo, exigindo crítica, análise e sistematização e integração de conhecimentos. Concluem que é necessário que o gestor educacional esteja ciente das variáveis que estão envolvidas na produção de conhecimento, como a quantidade de materiais como computadores disponíveis para uso e a quantidade de pessoas que necessitam utilizá-las, a competência digital dos professores e alunos, tempo disponível do estudante para participações das aulas entre muitas outras. Se destaca a necessidade de se identificar essas variáveis para fundamentar futuras decisões educacionais, o artigo propõe no material suplementar do artigo um instrumento que auxiliaria gestores a partir das variáveis destacadas.

Enquanto Naidu et al. (2021) traz um estudo de caso sobre como gestão universitária na Universidade do Pacífico Sul se deu durante a pandemia e como a instituição lidou com a recalibração pedagógicas, utilizando 3 considerações críticas para a sua reorganização, tecnologia, educação e design. Os autores relatam que a utilização de educação aberta e ensino flexível foram ferramentas desenvolvidas em conjunto com o avanço tecnológico para a adaptação de ensino durante a pandemia.

Oliveira et al. (2021), porém se difere ao revisar o pensamento e práxis propostos por Paulo Freire e o relaciona com a situação pandêmica para discutir sobre os desafios e dificuldades na gestão educacional, especialmente na implementação de ensino remoto no Proeja, por meio de uma pesquisa documental e da metodologia de sistematização da experiência. Aportando-se em Freire, o artigo afirma que no contexto do ensino remoto em que a tecnologia acaba ganhando grande peso sobre as decisões feitas pela gestão educacional, que os interesses do mercado prevalecem sobre a das pessoas. O artigo relata sobre as decisões tomadas pela gestão educacional do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) campus Vitória de instaurar atividades pedagógicas não presenciais, e como elas foram feitas sem a participação da comunidade escolar, e narrando as oposições que isso causou, afirmando que qualquer decisão a ser tomada deveria levar em conta as condições de acesso dos alunos, para que a implementação de tecnologia não acabasse resultando em exclusão. Os autores concluem que

a velocidade e os modos que essas decisões foram tomadas refletem numa preocupação em se cumprir exigências burocráticas e seguir a qualquer custo o calendário escolar, sem levar em consideração a modalidade de ensino, comprometendo a sua qualidade.

## 2.2 SENTIDOS DA ESCOLA/ EDUCAÇÃO

A temática de sentidos da escola/educação reúne 18 produções ao total, sendo o segundo subtema mais abordado nas revistas contempladas e compõe 17,6% das produções avaliadas. Dessas 18 produções, 12 (67%) são em formato de artigo e 6 são em formato de ensaio (33%).

As produções foram escritas por 31 autores ao total, que possuem variadas áreas de formação. Seguindo a tendência geral, a área de educação é a mais comum com 61,3% dos autores tendo formação nela, seguido pela área de filosofia com 12,9% e psicologia e ciências da linguagem com 6,5% cada (Tabela 7).

Tabela 7 – Área de formação dos autores no subtema “Sentidos da escola/educação”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
<b>Educação</b>	19	61,3
<b>Filosofia</b>	4	12,9
<b>Psicologia</b>	2	6,5
<b>Letras, Linguística ou Ciências da Linguagem</b>	2	6,5
<b>Ensino</b>	1	3,2
<b>Economia</b>	1	3,2
<b>Sociologia</b>	1	3,2
<b>Comunicação</b>	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Nesta seção foram destinadas as produções que focavam em discussões sobre os sentidos e direções que a escola ou educação estão se direcionando, em sua maioria são produções de cunho mais reflexivo que procuram entender os efeitos da pandemia no campo educativo em geral. Para maior compreensão e uma melhor possibilidade de análise, as produções encontradas nessa seção foram divididas em subseções temáticas, sendo elas: Escola/educação durante a pandemia, focada em trazer os debates sobre educação e escola

abordados durante a pandemia; Escola/educação em crise, produções que abordam educação contextualizada sobre os desafios já existentes antes da pandemia e como eles interagem com ela; Escola/educação após a pandemia, temática sobre sentidos e direções que escola e a educação podem seguir após a pandemia (Tabela 8).

Tabela 8 - Temáticas principais do subtema “Sentidos da escola/educação” dividido por ano

<b>Temáticas principais</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Escola/educação durante a pandemia</b>	7	1	8
<b>Escola/educação em crise</b>	3	2	5
<b>Escola/educação após a pandemia</b>	4	1	5
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>18</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

### 2.2.1 Escola/ educação durante a pandemia

O tema aqui apresentado é composto de 8 produções ao total, sendo que 5 são em formato de artigo e 3 em formato de ensaio. Essa temática foca em artigos que discutam sentidos da educação ou escola durante a pandemia, diferente das outras temáticas, os debates aqui não são sobre o que esperar do campo educativo pós-pandemia, mas sim naquele momento.

Em Almeida & Dalben (2020); Silva (2020) e Carvalho (2020) se vê uma perspectiva sobre prática pedagógica durante a pandemia, Almeida & Dalben (2020) por meio de um estudo de caso, Silva (2020) por um ensaio pedagógico e Carvalho (2020) por uma perspectiva filosófica.

Almeida & Dalben (2020) analisam por meio de um estudo de caso como que foi reorganizado o trabalho pedagógico de uma escola pública do estado do Paraná, os autores salientam que esse processo de mudança e reorganização nas escolas nos mostram que é possível resolver questões maiores de desigualdade e de processos de aprendizagem. Já em Silva (2020) propõe descrever duas disposições formativas possíveis durante a pandemia, a compulsão modernizadora e a melancolia pedagógica. A compulsão modernizadora seria a disposição que tem orientado as reformas do Ensino Médio no Brasil, focando na

individualização dos estudantes, aumento de uso da tecnologia e de metodologias diferenciadas, o autor afirma que com a vinda da pandemia essa disposição se demonstra limitada, não conseguindo estabelecer uma agenda e propósito educacional. Em contrapartida a melancolia pedagógica tem medo do futuro e busca resgatar a escola das ameaças impostas atualmente e que com a pandemia essa disposição tem sido revitalizada pelas críticas as modalidades remotas de ensino. O autor conclui que é necessário achar um equilíbrio entre essas disposições em que se utilize de inovações digitais na educação e defender uma educação democrática.

Em Carvalho (2020) encontramos uma análise filosófica de tempos pandêmicos, para o autor a pandemia faz a crise da educação se tornar mais visível e isso se dá devido ao esvaziamento da dimensão temporal da educação que vem com o ensino remoto e o distanciamento social. E afirmam que a maneira de superação seria propiciar para os alunos oportunidades de acesso a obras fictícias e historiográficas como “A Peste” de Albert Camus ou “Amor nos Tempos do Cólera” de Gabriel Garcia Marquez, que tratam de temáticas e momentos parecidos com o que os alunos estão vivendo e que permitem que o ressignifiquem.

Moraes; Bressan & Fernandes (2021) e Dussel (2020) se diferenciam ao trazer o debate sobre a reconfiguração de espaços durante a pandemia. Moraes; Bressan & Fernandes (2021) analisam a forma que a casa se torna um espaço reconfigurado no ensino remoto durante a pandemia, não só em sua forma espacial, mas simbólica. Para isso se aportam nas discussões de Bachelard e Durand sobre conceito de casa e a Teoria do Imaginário, sendo assim, para as autoras o espaço da casa que é um espaço de descanso passa a ser também um espaço de trabalho e que isso causa um estranhamento simbólico espacial que deve ser levado em consideração, quando discutido o processo pedagógico.

Dussel (2020) também relata nas tensões que se vem com o deslocamento da sala de aula para o ambiente domiciliar, mas afirma que elas permitem observar a importância da estrutura escolar, tanto ela no sentido material, quanto no simbólico, para produzir um outro espaço em que seja possível a expressão da autonomia intelectual e afetiva. Sendo assim, diferentemente da produção anterior em que se focava no espaço simbólico da casa, Dussel (2020) se preocupa em discutir sobre o espaço da sala de aula como local sociotécnico, e que a partir da pandemia se pode observar deslocamentos no trabalho escolar.

Em Cazé; Passos & Ribeiro (2020) e Kohan (2020) são feitas reflexões sobre a tragédia da pandemia, como uma experiência traumática e que é agravada pelo modelo capitalista que estamos inseridos e como podemos nos espelhar em outros grupos para entender e superar esse momento de crise. Cazé; Passos & Ribeiros (2020) argumenta que com a pandemia, a humanidade teve a sensação do que é viver num mundo distópico, custando nossa igualdade,

liberdade e segurança, embasando-se em Krenak e em Freire, acredita que a forma de lutar esse sentimento é criando e reinventando utopias, isso é, buscando a esperança nesses momentos, e reitera para olharmos para movimentos de pessoas historicamente oprimidas, como pessoas negras e indígenas, que nos dão pistas sobre como eles reinventam caminhos para garantir esperança.

Já Kohan (2020) traz uma discussão sobre a escola em relação a necropolítica durante a pandemia, apresentando como as ações do governo Bolsonaro contribuíram para a tragédia da pandemia no Brasil e relacionam com a importância que a escola e educação tem em momentos como a pandemia, e desenvolve em contrapartida o relato e perspectiva de uma criança e sua experiência com a pandemia e com sua escola em ensino remoto. A partir de tal relato o ensaio então conclui para nos espelhar e abraçarmos a força inventora que existe na infância para a educação.

Por fim, Zordan & Almeida (2020) em seu ensaio discutem uma abundância de assuntos relacionados a educação durante a pandemia, problematizando o papel do Estado, o conteudismo nos currículos, em frente a suspensão das aulas presenciais. Se baseiam com autores como Deleuze e Foucault para questionar sobre os itinerários educativos no momento pandêmico e Nietzsche para pensar em uma educação que está mais vinculada ao presente e à vida.

### **2.2.2 Escola/ educação em crise**

Esse tema reúne 5 produções ao total sendo 3 dela em formato de artigo e 2 em formato de ensaio, aqui é reunido produções que focam em contextualizar o campo da educação e seus desafios que antecedem a pandemia, e como esses desafios se encaixam ante a pandemia, o nome educação/escola em crise se tem pelo foco em assuntos de tribulações que assolam o campo educativo.

Nóvoa & Alvim (2021) fazem uma contextualização histórica da educação nos últimos 150 anos e afirmam que o modelo escolar como conhecemos está a acabar. No ensaio é discutido como antigamente as críticas feitas ao modelo escolar vinham a partir de um público defensor de uma educação pública, mas que nos últimos 50 anos as propostas passaram a ter um cunho individualista, transformando a educação em um bem de consumo. Os autores concluem que o modelo escolar irá acabar, mas que não devido a pandemia, mas pelo próprio movimento histórico que o faz ser necessário e inevitável, e que a partir disso o campo educativo terá duas escolhas, seguir uma via de educação individualista e privatizada ou reforçar a

educação como um bem público e comum.

Esse mesmo trabalho é mencionado em Carvalho & Boto (2021), onde se objetiva analisar as obras de Rancière e Jacotot sobre uma visão de pedagogia contemporânea. Para os autores as ideias propostas em Nóvoa e Alvim em momentos de crise são compatíveis com as proposições do “mestre ignorante” de Jacotot/Rancière, e concluem que a lição principal da pandemia sobre a presença da cultura digital e seu importante papel dentro da sala de aula, e que a escola pública deve vir a se renovar para ser capaz de adaptar as mudanças feitas durante esse período.

Em Rubio-Gaviria (2020) embora o artigo tenha sido escrito durante a pandemia, seu foco não é nela, para o autor ela serviu para agravar aspectos de um campo educativo que já se encontrava em crise, a partir disso a produção procura discutir o papel e efeito das produções de John Dewey para o campo pedagógico. O artigo conclui que o construtivismo contemporâneo é procedente de leituras fragmentadas das ideias filosóficas de Dewey e que pode ser revivido devido as preocupações que são levantadas com a pandemia.

Assim como na produção anterior Merladet; Reis & Sússekind (2020) também discutem como no contexto da pandemia agrava ansiedades já existentes no campo educativo, por meio de uma linguagem metafórica sobre o fim do mundo, os autores apresentam que é possível adiar esse “apocalipse” a partir de ação transformadora, se afastando de uma visão de mundo capitalista e eurocêntrica e abraçando outras formas de viver. E apresentam uma possibilidade de mudança usando as práticas pedagógicas da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) como exemplo de métodos e pedagogia plurais que visam a constante busca por emancipação cultural. Sendo assim, o artigo conclui que para o enfrentamento na crise na educação, as escolas e universidades e seus currículos precisam ser democratizados, desmercantilizados e descolonizados.

Genis (2020) em seu ensaio usa da ideia do niilismo do filósofo Nietzsche para discutir sobre a experiência pandêmica, e propõe a educação como uma forma de resistência para essa ideologia. Nesse caso o vazio e desesperança que vem de uma visão de mundo niilista é vista como a crise e ameaça e a educação é a maneira proposta de superação.

### **2.2.3 Escola/ educação após a pandemia**

Esse tema reúne 5 produções ao total sendo 4 em formato de artigo e 1 em formato de ensaio, nelas serão discutidas temáticas que envolvem a escola ou o campo da educação após a pandemia, essa subseção se difere das outras nessa seção devido aos seus objetivos focarem

não somente nos impactos da pandemia na educação, mas como ela afetará, o futuro desse campo.

Gomes et al. (2021) discute as diferentes maneiras de que a pandemia afetou o campo internacional da educação, relatando sobre como desigualdades socioeconômicas e de gênero foram mais expostas, sobre as dificuldades com o ensino remoto e os desafios que os docentes tiveram que enfrentar e que é necessário aprender com esse evento para não repetir os mesmos erros na procura de uma escola e educação de maior qualidade. Sendo assim, se os problemas de desigualdade, falta de apoio a professores, e a fragilidade do ensino a distância foram expostos durante a pandemia, eles não podem ser esquecidos, mas sim tratados. Os autores concluem que a educação em um contexto pós-pandemia não pode ficar presa entre os interesses do empresariado, e nem ser comandada como uma empresa, ela deve ser construída com o esforço da comunidade e sociedade em conjunto.

Similarmente, Costin (2020), reflete sobre as tendências emergentes no campo da educação após a pandemia, porém devido a área de formação da autora, o faz com uma perspectiva mais economicista. Ela destaca a automação, digitalização e a utilização de Inteligência Artificial (IA) como tendências mundiais que afetariam o campo da educação, e que a pandemia teria acelerado esse processo, se embasando no documento intitulado “Trends Shaping Education” da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2019). No ensaio ela adverte como essa automação digitalização pode ter efeitos negativos principalmente para a profissão docente, mas afirma que são tecnologias que devem ser utilizadas como uma maneira de apoio ao docente. O texto conclui que o campo da educação nos próximos 25 anos deve: criar uma cultura escolar que combine excelência com equidade, tornar a profissão docente mais atrativa, ampliar a jornada escolar, incentivar o ensino híbrido e envolver os educandos em projetos transformacionais.

Gatti (2020) por sua vez se preocupa pela perspectiva dos impactos que o isolamento social teve na educação, também podemos apontar para a área de formação da autora nesse caso, que atua no campo da psicologia, para essa escolha temática. Da mesma forma que Gomes et al. (2021), esse artigo reitera a importância de ver a pandemia como uma oportunidade de buscar novos caminhos no campo da educação e não voltar a modelos passados, mas entra em contrapartida com Costin (2020) em advertir na aderência do ensino híbrido e na utilização de tecnologias como uma panaceia para os problemas educacionais.

Para a autora, novos modelos de trabalho escolar só poderão ser construídos a partir da criação coletiva de novas maneiras de pensar e de agir. Isso envolve repensar o espaço escolar, o conceito de “hora-aula”, alternativas de aprendizagens e de construções dinâmicas

curriculares e até mesmo o papel de gestores e de professores na educação.

Ebersohn (2020) se distingue dos outros pelo seu aporte teórico, utilizando dos conceitos de resiliência e afluência para argumentar que as repostas coletivas de apoio social que beneficiavam o bem-estar coletivo durante a pandemia, podem ser transformadoras no campo da educação. O artigo argumenta que as estratégias coletivas de bem-estar durante a pandemia fizeram que a promoção de equidade na educação fosse uma preocupação principal, ao invés de secundária. Sendo assim propõe que intervenções sociais espontâneas, como o que ocorreu com a pandemia, podem permitir um caminho para lutas coletivas na educação para uma sociedade mais igualitária, em contraposta com estratégias arquitetadas que procuram mantêm a desigualdade social e escolar.

Hermann (2020) também salienta a importância da solidariedade para superar momentos difíceis como uma pandemia, em sua produção não só foca em lições para o futuro da educação, mas lições que podemos aprender com a pandemia em geral. No artigo é apresentado três lições: o reconhecimento da vulnerabilidade humana, a importância da verdade para enfrentar problemas e a importância da solidariedade. A autora acredita no poder transformativo que a reflexão e aprendizagem de momentos de dor, tal qual a pandemia, podem trazer para o campo da educação.

### 2.3 DIFERENÇAS/ DESIGUALDADES NA PANDEMIA

A temática de diferenças/ desigualdades na pandemia reúne 17 artigos ao total, que simboliza 16,7% do conjunto de artigos, sendo que 13 (76,5%) são em formato de artigo e 4 (23,5%) são em formato de ensaios, dessa maneira se torna um dos temas mais recorrentes no recorte feito para essa pesquisa, só sendo menos frequente que os temas Ensino Remoto e Sentidos da escola/ educação.

Essa seção é formada por 40 autores ao total e suas áreas de formação são variadas, sendo 11 áreas de formação diferentes. A área mais recorrente a da educação, seguindo a tendência geral, com 62,5% de autores com formação nessa área. As outras áreas mais comuns são ensino com 7,5%, e sociologia, letras e psicologia, cada uma com 5% (Tabela 9).

Tabela 9 – Área de formação dos autores no subtema “Diferenças/ desigualdades na pandemia”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
Educação	25	62,5

<b>Ensino</b>	3	7,5
<b>Sociologia</b>	2	5
<b>Letras, Linguística ou Ciências da Linguagem</b>	2	5
<b>Psicologia</b>	2	5
<b>Antropologia</b>	1	2,5
<b>Computação</b>	1	2,5
<b>Educação Física</b>	1	2,5
<b>Engenharia Química</b>	1	2,5
<b>Geociências</b>	1	2,5
<b>Pedagogia</b>	1	2,5
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Assim como as outras modalidades, é possível dividir assuntos em comum que são mais abordados para facilitar a sua análise. Em diferenças e desigualdades na pandemia foi colocado todos os temas que abrangessem discussões sobre desigualdades e diferenças que foram exacerbadas durante a pandemia para grupos de pessoas que sofrem discriminação, seja pelo seu gênero, raça e etnia, condição socioeconômica etc.

Sendo assim, os principais temas abordados foram: Educação especial, nele foram colocados os artigos que tinham como temática a modalidade de educação escolar oferecida para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação durante a pandemia; desigualdades sociais e escolares, que são artigos que abordam desigualdades que podem ou não transcender o ambiente escolar; desigualdade de gênero, que são artigos que abordavam principalmente desigualdades com relação ao gênero, independentemente se atrelado a situação escolar ou não (Tabela 10).

Desta maneira, para uma análise completa é necessário discutir as temáticas principais uma por uma, dessa maneira sendo possível ressaltar seus objetivos, metodologias utilizadas, e conclusões que as pesquisas chegaram.

Tabela 10 - Temáticas principais do subtema “Diferenças/ desigualdades na pandemia” dividido por ano

<b>Temáticas principais</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>Quantidade</b>
-----------------------------	-------------	-------------	-------------------

<b>Educação especial</b>	4	4	8
<b>Desigualdades sociais e escolares</b>	3	3	6
<b>Desigualdade de gênero</b>	0	3	3
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>17</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

### 2.3.1 Educação especial

Esse tema reúne 8 produções, sendo que 7 delas são em formato de artigo e 1 em formato de ensaio, sendo seu eixo temático focado no impacto que a pandemia teve na educação especial e inclusiva. Nesse recorte podemos encontrar produções que realçam experiências vividas por discentes com deficiências durante a pandemia, de docentes especializados em ensino de Pessoas com Deficiências (PcD), e propostas de práticas pedagógicas voltadas para PcD.

Hammel; Santos & Miyahara (2021) relatam o desenvolvimento e a aplicação de uma proposta pedagógica para estudantes com deficiência intelectual (DI) na modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) sobre a temática do coronavírus, se embasando na teoria da Aprendizagem Significativa proposta por David Ausubel (2003), que afirma que a formação de novos conhecimentos mais complexos pode ser alcançada a partir de uma rede de associações de conhecimentos prévios dos estudantes. Tomaram uma abordagem qualitativa para o artigo, se tratando de um estudo de caso em que os dados foram coletados através da observação. A prática pedagógica em evidência no artigo é uma maneira de diminuir as fragilidades apresentadas nos alunos com DI de maneira que tenha oportunidade de inclusão e participação na sociedade, valorizando seus conhecimentos prévios a escolha do assunto do coronavírus foi feita devido a sua pertinência ao contexto vivido.

Dessa mesma maneira Moreira (2021) em seu ensaio também objetiva a demonstração de uma prática pedagógica com o tema de covid-19. A atividade é destinada para crianças que apresentam deficiência múltiplas sensorial visual, se embasando no termo de Rowland & Schweirgert (2000) “símbolos tangíveis”, que são recursos de comunicação tátil utilizados na educação especial, que são importantes para crianças que possuem acesso limitado a informações visuais.

Ambos os textos trazem práticas pedagógicas em que covid-19 e o coronavírus são temáticas centrais para estudantes com deficiências, são produções que não abordam as experiências de pessoas com deficiência, mas trazem ideias e possibilidades para profissionais

da educação que trabalham com educação especial e inclusiva.

A produção de Machado; de Mello & Sardenberg (2020) procura discutir desafios e oportunidades para educação especial na pandemia, tais como o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e Tecnologias Assistiva (TA), mas partindo da modalidade de ensino que eles denominam como não-formal, em espaços museais, focando na sua importância como ferramenta de diminuição de desigualdades sociais, se embasando em Gohn (2006) e Jacobbuci (2008). O artigo assim se diferencia não só pelo espaço, mas por ser uma análise bibliográfica da produção sobre o tema, sendo assim não propõe práticas em si, mas analisa a literatura presente sobre possibilidades na área.

A produção de Queiroz & Melo (2021), no entanto objetiva analisar a atuação de Professores do AEE (Atendimento Educacional Especializado) que trabalham com estudantes com deficiência na Educação Básica. É realizado por meio de uma pesquisa descritiva, qualitativa e quantitativa, desenvolvida a partir da aplicação de um questionário virtual. Assim, a pesquisa abrange uma grande gama de docentes que atendiam múltiplos tipos de estudantes que podiam apresentar, Deficiência Intelectual, Autismo, Deficiência múltipla, Deficiência física etc. Desta maneira, essa produção se distingue nessa temática devido sua amplitude e por focar somente na atividade docente. O artigo conclui que a principal preocupação docente é a da habilidade dos seus estudantes de continuarem a aprender com o novo sistema remoto e falta de acessibilidade para as famílias em relação a internet e equipamentos necessários para as aulas on-line, e reitera a importância da presença dos docentes durante o processo de aprendizagem do aluno, salientando os desafios do ensino remoto.

Os artigos de Pletsch & Mendes (2020); Shimazaki; Menegassi & Fellini (2020); Orlando; Alves & Meletti (2021) e Souza & Dainez (2020) focam no impacto da pandemia na educação de alunos com deficiência, mas com abordagens e sujeitos distintos, se diferenciando em sua quantidade e em suas preocupações e desafios.

Pletsch & Mendes (2020) objetiva discutir o processo educacional de crianças acometidas pela Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV) durante a pandemia, analisando documentos locais da rede de ensino municipal da Baixada Fluminense e entrevistando profissionais da educação como professoras da educação infantil e do AEE, uma orientadora pedagógica e uma gestora da educação especial. O artigo conclui que a pandemia revela e agrava a desarticulação entre os setores da saúde e educação, as desigualdades de gênero das mães de crianças com SCZV e as desigualdades tecnológicas que provém de desigualdades sociais pré-existent.

Os artigos de Shimazaki; Menegassi & Fellini (2020) e De Souza & Dainez (2020)

ambos analisam perspectivas de docentes e discentes que participaram da pesquisa e procuram entender os efeitos da pandemia na educação especial de seus sujeitos. De Souza & Dainez (2020) tem uma abordagem mais intimista focando em um único docente, um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e sua família, e as experiências de cada um com o ensino remoto. Em contrapartida Shimazaki; Menegassi & Fellini (2020) investigam uma escola bilíngue de educação bilíngue para surdos, e abrange uma pedagoga, cinco professores e três alunos.

Ambos os artigos relatam as dificuldades que vem com o ensino remoto, Shimazaki; Menegassi & Fellini (2020) ressalta a condição econômica, a vida domiciliar, compreensão e acesso a materiais como principais dificuldades no ensino dos alunos surdos investigados. Salienta também a questão linguística, que é única a esses alunos. A apropriação e o desenvolvimento em Libras e do português escrito é uma especificidade para alunos surdos em escolas bilíngues, e abre mais um debate sobre as limitações do ensino remoto e a necessidade da escola como espaço para aquisição da linguagem.

Souza & Dainez (2020) também realça a importância do espaço escolar para crianças com deficiência, como um local de ambiência de estudo e inserção cultural, mas aponta contradição que esse momento proporciona. Relata que o ensino remoto não pode ser comparado ao presencial, pela precarização da condição de vida dos alunos, família e professores e que acaba aumentando as desigualdades educacionais. No entanto menciona que por meio do ensino remoto é possível continuar estabelecendo um vínculo entre o aluno e a escola, mantendo sua memória viva.

Por fim, Orlando; Alves & Meletti (2021) trazem em seu artigo muitas das discussões já abordadas nas produções mencionadas anteriormente, porém utilizando uma abordagem metodológica descritiva e bibliográfica sobre o assunto, e abrangendo pessoas com deficiência em geral, sem focar em uma deficiência em específico. Relatando como o processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto pode ser mais desafiador para estudantes com deficiência, assim como Shimazaki; Menegassi & Fellini (2020) e De Souza & Dainez (2020) relatam em seus artigos, e como há uma falta na articulação intersetorial para a garantia de direitos sociais de pessoas com deficiência e suas famílias, assim como Pletsch & Mendes (2020) reportaram. E concluem que esses fatores trabalham para aumentar as desigualdades e desafios já presentes em nossa sociedade.

### **2.3.2 Desigualdades sociais e escolares**

Esse próximo recorte é formado por 7 produções ao total, sendo 3 em formato de artigo e 4 em formato de ensaio, que procuram discutir sobre como a pandemia exacerbou desigualdades sociais já existentes e como elas podem refletir em desigualdades escolares. Para isso, as produções Nicodemos & Serra (2020) e Leite; Ramalho & de Carvalho (2020) se aportam principalmente em Arroyo (2010) que expõe a relação de exclusão escolar com relação a cidadania e Arroyo (2005) que trata especificamente da exclusão em relação ao EJA. Joaquim & Oliveira (2021) se aportam principalmente em Freire (1984), que enfoca sobre a exclusão escolar em relação a tecnologia.

Nicodemos & Serra (2020) se diferenciam das outras produções por ser um artigo que foca no EJA, objetivando analisar por meio de uma análise documental os efeitos da pandemia na vida dos trabalhadores que estão escritos na modalidade EJA. Apontando que os educandos que estão nessa modalidade de ensino, situam-se geralmente entre a população mais vulnerável aos efeitos da pandemia, e no trabalho apresentam que o ensino remoto age como um mecanismo de exclusão escolar para esses educandos, devido à dificuldade de acesso à tecnologia e da falta de letramento digital e alfabético necessária para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Também denunciam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como uma representação da invisibilidade que a modalidade sofre.

Joaquim & de Oliveira (2021) corroboram com essas conclusões, mas preferem focar nos conceitos de inovação, inclusão digital na educação, expondo a dicotomia presentes neles, utilizando uma abordagem teórico-conceitual em sua produção. Afirmam que no meio da pandemia as políticas públicas têm sido feitas partindo de um ponto de vista hegemônico e neoliberal que resultam na desumanização dos educandos, e no aprofundamento das desigualdades.

Seguindo a mesma linha Leite; Ramalho & de Carvalho (2020) traz por meio de uma análise documental a discussão sobre a vigência do projeto colonial na educação escolar durante a pandemia. Sendo assim, enfoca no contexto histórico que a desigualdade escolar se encontra na pandemia, como parte de um processo proposital de exclusão de classes marginalizadas e problematiza que soluções como democratização ao acesso para o ensino remoto não estariam contemplando o verdadeiro problema. Da mesma maneira Silva et al (2021), também por meio de uma análise documental, afirmam a escola como uma ferramenta capitalista para reforçar desigualdades sociais, aportando-se em Marx e Gramsci, e salientam a necessidade de a educação ser pautada pela classe trabalhadora, para que não aja como um mecanismo hegemônico da classe burguesa.

Talvez a produção que mais se diferencia das demais nesse recorte é a de Russo;

Magnam & Soares (2020) que por meio de uma análise documental, procuram examinar os impactos da pandemia no sistema educativo na cidade de Quebec no Canadá. Salientando especificações da cidade que podem agravar desigualdades que vem com os fechamentos das escolas na área e implementação do ensino remoto, como as desigualdades socioeconômicas das famílias, mas também a grande diversidade étnica da região, sendo que mais da metade das crianças matriculadas na rede pública, não tem as línguas vigentes no país como língua materna.

Diferentemente de todas as outras produções desse recorte, Baniwa (2021) não pautava seu ensaio em desigualdades escolares, mas sim na desigualdade social que povos indígenas sofreram durante a pandemia, salientando o projeto de necropolítica fomentado pelo governo que resultaram num genocídio indígena. Aportando-se principalmente na cosmologia Baniwa, procura em conhecimento ancestral dar significado a pandemia e a discutir a resiliência indígena, apontando a necessidade de o currículo nas escolas indígenas serem baseados nessas cosmologias ancestrais e não coloniais, como maneira de quebrar com as ideias capitalistas e neoliberais que trabalham para erradicar povos indígenas.

### **2.3.3 Desigualdade de gênero**

Essa seção é formada por 3 produções, todas elas em formatos de artigos, e possuem enfoque em relações de gênero durante a pandemia. Em questão de localidade Cunha & Valle (2021) e Nhampoca (2021) se destacam por discutirem sobre experiências de mulheres em Moçambique durante a pandemia, mesmo com a mesma localidade sendo discutida, as duas produções levam duas abordagens distintas ao assunto.

Cunha & Valle (2021) levanta uma reflexão feminista sobre os impactos na vida das mulheres durante a pandemia em Moçambique e Brasil, salientando o aumento de violência, seja ela doméstica ou em espaços públicos, os desafios sobre a saúde da mulher, que não se limita só ao coronavírus, mas sim com o aumento de IST (infecções sexualmente transmissíveis), aumento de doenças mentais e mortalidade materna, as questões de trabalho, como o aumento de trabalho não-pago e o desemprego, e as relações de poder com relação aos corpos de mulheres e a sua ausência em espaços que políticos para fazer mudanças necessárias. Conclui que essas desigualdades não são causadas pelo coronavírus e pandemia, mas pelo sistema capitalista que os possibilita e que age contra a igualdade e equidade.

Nhampoca (2021) por sua vez, enfoca em seu artigo sobre a escolaridade de mulheres em Moçambique. Objetivando discutir sobre os aspectos da educação superior e direitos de mulheres em Moçambique durante a pandemia, para isso utiliza de conversas informais, com

docentes e estudantes. Da mesma maneira que Cunha & Valle (2021), aqui é discutido que as desigualdades já existentes no país se agravam durante a pandemia, principalmente no âmbito escolar, sendo que mulheres docentes e estudantes tem menos tempo disponível para a sua educação devido a tantas outras tarefas que a são destinada, como cuidar de sua família, realizar atividades domésticas, com a necessidade de novos domínios de ferramentas para aulas a distância se soma mais camadas para as dificuldades que mulheres enfrentam em sua escolarização. Concluindo que é necessária uma mudança em que mulheres sejam cuidadas na sociedade e que a educação seja prática de liberdade para todos.

O último artigo nesta seção, também se centra em desigualdade de gênero no ensino superior. Soares & Naegele (2021) procura discutir relações de gênero na área de ciência e tecnologia (C&T), por meio da análise da estratificação de gênero e na segregação vertical de professores/cientistas no Instituto de Química (IQ) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFJR) durante a pandemia e oferecer sugestões para o enfrentamento da desigualdade de gênero no contexto da covid-19. O artigo demonstra que existe disparidade em participação feminina na área docente no IQ, sendo que o número de homens em cargos mais importantes da carreira do magistério é maior e que a maioria das bolsas são destinadas a professores homens. Concluem que isso se dá por um processo cíclico hegemônico em que as desigualdades são justificadas, legitimadas e reproduzidas, e que pode ser agravado durante a pandemia devido ao modelo patriarcal ainda vigente na sociedade brasileira. Os autores afirmam que as responsabilidades familiares e domésticas de mulheres na ciência podem se agravar durante a pandemia, e que isso pode resultar na dificuldade de articulação do seu papel profissional, em função disso propõe adiamento de prazos de órgãos financiadores de pesquisa, criação ou ampliação de vagas em creches próximas do *campus*, e divulgação dos projetos e trabalhos desenvolvidos por pesquisadoras como sugestões para o enfrentamento dessas desigualdades.

#### 2.4 POLÍTICAS PÚBLICAS/ EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

As produções encontradas nessa seção tratam principalmente sobre debates que envolvem políticas públicas e a sua maioria utiliza de documentos governamentais e de organizações multilaterais como fonte de debate. A categoria reúne 11 produções ao total, simbolizando 10,8% das produções, sendo 9 (82%) delas em formato de artigo e 2 (18%) em formato de ensaios. A maioria dos autores dessa seção possuem formação na área da educação (81,8%), seguido por economia (9,1%) e história e pedagogia (4,5%), sendo o total de 22 autores nessa categoria (Tabela 11).

Tabela 11 – Área de formação dos autores no subtema “Políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
<b>Educação</b>	18	81,8
<b>Economia</b>	2	9,1
<b>História</b>	1	4,5
<b>Pedagogia</b>	1	4,5
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Foi possível dividir esta subseção em duas categorias de modalidades de ensino para possibilitar uma melhor análise dos temas explorados. A categoria Políticas públicas do Ensino Superior possui artigos que tratam sobre debates sobre o tema em modalidades de ensino de graduação e pós-graduação e a categoria Políticas Públicas do Ensino Básico abordam debates sobre o tema na Educação Infantil, Educação Fundamental I & II e Ensino Médio (Tabela 12).

Tabela 12 - Temáticas principais do subtema “Políticas públicas/ educacionais em tempos de pandemia” dividido por ano.

Temáticas principais	2020	2021	Quantidade
<b>Políticas públicas/ educacionais no Ensino Básico</b>	4	3	7
<b>Políticas públicas/ educacionais no Ensino Superior</b>	2	2	4
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>11</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

#### 2.4.1 Políticas públicas/ educacionais no Ensino Básico

Esse tema reúne 7 produções, sendo que 5 são em formato de artigo e 2 em formato de

ensaio. Como Ensino Básico é uma modalidade de ensino ampla que abrange diferentes faixas etárias é possível notar uma diversidade em assuntos tratados.

As produções de Biasoli & Souza (2021) e Coutinho & Côco (2020) se destacam por focar exclusivamente em debates de políticas públicas no Ensino Infantil. Biasoli & Souza (2021) objetivam ampliar a compreensão sobre os desafios sobre a efetivação dos direitos das crianças brasileiras no período da pandemia, para isso as autoras fazem uma contextualização histórica e jurídica sobre direitos universais e educacionais de crianças no Brasil. Elas concluem que embora hoje em dia os direitos das crianças sejam assegurados juridicamente o desafio se encontra principalmente na efetuação desses direitos, sendo assim, afirmam que não se trata de desenvolver novos mecanismos jurídicos, mas se certificar da execução e efetividade dos já existentes e reiteram a importância de estudos protagonizarem crianças ao investigarem essas questões.

Coutinho & Côco (2020) também exploram em seu artigo as políticas governamentais no campo da Educação Infantil durante a pandemia. Objetivam a reflexão sobre as especificidades da educação com crianças pequenas, e discutir a necessidade e a importância de interlocuções com as crianças e suas famílias e interlocução com profissionais da educação. Para as autoras a ausência dessas articulações resultam em retrocessos como o discurso do desenvolvimento de competências e habilidades que protagonizam o repasse de conteúdo sem levar em consideração as necessidades e interesses das crianças. E sinalizam um movimento no campo da Educação Infantil que vem se esvaziando e que não prezam por essas interlocuções. Sendo assim concluem convidando as mobilizações a uma contínua vigilância nessa área, para evitar o esvaziamento das pautas no campo da Educação Infantil.

A produção de Nozu & Kassar (2020) abrange, mas não se limita a modalidade do Ensino Infantil, já que objetivam analisar como educadores de escolas localizadas em regiões ribeirinhas do Pantanal Sul-mato-grossense se organizaram para a manutenção da escolarização durante a pandemia, abrangendo as modalidades de Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II, para isso foi feita uma revisão bibliográfica com documentação local e entrevistas abertas com as profissionais da educação das escolas investigadas. Relatando a vulnerabilidade desses alunos e do esforço da equipe pedagógica que necessitaram opções para superar a distância física encontrada nessas comunidades, focando principalmente em atividades impressas em papel, e não no meio digital que foi norma nesse período. Concluem que é necessário a continuidade de políticas sociais que protejam crianças em comunidades mais vulneráveis que garantam seus direitos sociais e educacionais, como o Programa Povo das Águas em 2009.

É possível perceber entre as produções uma grande preocupação com documentos

governamentais e de outras organizações que propõe propostas e ideologias neoliberais economicistas e conservadoras para a área da educação durante a pandemia.

O artigo de Camargo & Oliveira (2021) objetiva apresentar os resultados parciais das ações do movimento de resistência “Política Municipal de Alfabetização de Manaus em debate”, que tem como organizadores diversos profissionais da área da educação, diante da Minuta de Lei da Política Municipal de Alfabetização proposta pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) durante a pandemia, e teoricamente e ideologicamente alinhada com a Política Nacional de Alfabetização (PNA) implementada durante o governo Bolsonaro, sendo assim, o movimento e o artigo procuram trazer a luz a ideologia escondida na nova política de alfabetização proposta pelo governo. O artigo afirma que a minuta fere o direito constitucional do pluralismo de ideia ao eleger um único método de ensino, baseado na ciência cognitiva de leitura concluindo que a nova política ignora as vozes dos profissionais da educação que trabalham com alfabetização para atender exclusivamente os interesses do mercado, seguindo uma tendência mais ampla no campo da educação.

As produções de Pereira (2021) e Mello & Vitorino (2020) focam em analisar a influência de organizações privadas nas políticas públicas durante a pandemia. Pereira (2021) discute em uma perspectiva histórica a agenda educacional do Banco Mundial, argumentando que ela possui um viés economicista e que tem influenciado as políticas públicas educacionais brasileiras a seguirem cada vez mais os seus interesses e que a pandemia não modificou essa agenda. Mello & Vitorino (2020) analisa documentos do Banco Mundial e da organização da sociedade civil Todos pela Educação produzidos durante a pandemia e os relaciona com os dilemas verificados no âmbito da Rede Municipal de Ensino de Campinas (SP) e conclui ressaltando a abordagem individualistas desses documentos que espelham suas perspectivas e interesses privados.

Por fim, Estelles & Fischman (2020) analisam as propostas e discursos do movimento pedagógico denominado de Educação para a Cidadania Global (ECG), ressaltando que em suas origens o discurso foi moldado e ampliado seguindo políticas neoliberais e que existe uma desconexão entre o ECG e a escola pública, os autores concluem que a pandemia demonstra a inabilidade da ECG de lidar com problemas globais e reitera a necessidade e importância do Estado para atender as emergências da população.

#### **2.4.2 Políticas públicas/ educacionais no Ensino Superior**

Esse tema reúne 4 produções, sendo que 3 delas são em formato de artigo e 1 em formato

de ensaio. Machado, Soso & Kampff, (2020), Castioni et al (2021) e Cavalcanti & Guerra (2021) focam nos efeitos da pandemia nas políticas públicas no Ensino Superior, sendo os três artigos que utilizam metodologias qualitativas similares. Machado, Soso & Kampff, (2020), objetiva analisar produções feitas por organismos multilaterais e associações internacionais sobre estratégias de reorganização do Ensino Superior, por meio de uma revisão bibliográfica. Conclui que a principal preocupação dessas produções é entender as dificuldades que as Instituições de Ensino Superior passam em seu processo educativo durante a pandemia e propor soluções, sendo via sugestões de recursos digitais, divulgações de propostas de práticas pedagógicas, compartilhamento de sites benéficos para o modelo de ensino remoto etc.

Castioni et al (2021) utiliza somente dados do Ministério da Educação do Brasil, e procura a partir desses dados, refletir sobre os desafios da universidade pública durante e após a pandemia. O artigo critica as decisões do MEC tomadas sobre universidades federais, principalmente nos primeiros momentos da pandemia, salientando a sua inércia causada pela negação da realidade em que o mundo se encontrava que causou a paralisação das atividades acadêmicas das universidades federais. Para os autores isso se deu pela dificuldade que o ensino superior tem a lidar com calamidades por ter historicamente uma estrutura hierárquica e rígida. Embora o artigo reitere a importância de adoção de métodos remotos e de educação a distância no futuro da educação superior, ele não discute em detalhe o fator sobre o acesso que torna esses métodos possíveis, como internet, aparelhos eletrônicos.

Em contrapartida, Cavalcanti & Guerra (2021) objetiva analisar se o acesso à internet é um fator limitante para a oferta de educação em universidades federais na modalidade remota, e conclui que no Ensino Superior o problema de acesso à internet é reduzido e localizado, principalmente se comparado com o Ensino Médio e Ensino Fundamental, atingindo apenas cerca de 2% dos estudantes, e que não deveria ser utilizado como desculpa para interromper o processo de ensino aprendizagem, mas clarifica que é necessário contemplar essa minoria, lhes oferecendo acesso à internet seja por meio de chip de dados ou a abertura dos campi em horários específicos.

De Wit (2020) embora também foque no Ensino Superior, se diferencia das outras produções em seu formato de ensaio e em sua perspectiva global. O ensaio se fundamenta no conceito de internacionalização do Ensino Superior embasado nas produções passadas do autor. Para ele, a internacionalização do Ensino Superior é uma ferramenta para possibilitar maior qualidade de ensino, e salienta a importância da cooperação entre instituições universitárias, em contrapartida com a tendência global de competitividade. O ensaio conclui que a pandemia demonstra as tendências globais de políticas que ao invés de promover cooperação promovem

políticas xenofóbicas e competitivas e reitera a importância de se ver esse momento como uma oportunidade de mudança para estimular a inclusão ao invés da exclusão no Ensino Superior.

## 2.5 TRABALHO DOCENTE

Essa categoria irá abranger produções focadas na temática de trabalho docente durante a pandemia, ele se difere da categoria anterior por focar não em experiências de professores e suas relações com os alunos, mas exclusivamente em como a pandemia alterou ou interagiu com a profissão docente. Aqui se reúne 7 produções ao total, representando 6,9% das produções, 5 (71%) delas sendo em formato de artigo, e 2 (29%) em formato de ensaio. Essa seção possui 20 autores ao total que possuem variadas áreas de formação, sendo que a maioria possui formação em educação (56%), seguido por pedagogia (16%) e saúde (16%) e sociologia (4%), ciências da linguagem (4%) e gestão de organizações aprendentes (4%) (Tabela 13).

Tabela 13 – Área de formação dos autores no subtema “Trabalho docente”

<b>Área de Formação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Educação</b>	14	56
<b>Pedagogia</b>	4	16
<b>Saúde</b>	4	16
<b>Sociologia</b>	1	4
<b>Letras, Linguística ou Ciências da Linguagem</b>	1	4
<b>Gestão de Organizações Aprendentes</b>	1	4
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

A maioria das produções desta categoria vão se dedicar a discussão da precarização do trabalho docente durante a pandemia. Em Vargas & Zuccarelli (2021) é discutido o estado da arte das informações sobre os docentes, por meio de uma análise dos instrumentos de avaliação do Ministério da Educação. O artigo argumenta que houve um crescimento da modalidade de Ensino a Distância (EaD) na educação terciária e que devido a isso é necessário a incorporação de novas variáveis no Censo da Educação Superior. Também discute que esse processo cria uma face para a profissão docente, que seria a figura do tutor, um profissional com menor exigência em sua escolarização e com mais flexibilização do regime de trabalho, atendendo as

demandas de redução de custos que são praticadas pelas instituições lucrativas de Ensino Superior. O artigo não trata sobre o trabalho docente durante a pandemia em si, mas enfatiza que esse processo teve suas origens antes da pandemia e reiteram a possibilidade que ele tenha sido acelerado com a grande adesão ao ensino remoto durante essa etapa.

Já Neves, Fialho & Machado (2021) objetivam analisar a produção disponibilizada no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior sobre o trabalho docente durante o primeiro ano da pandemia, utilizando uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo. Concluíram que os artigos apontaram que a precarização do trabalho docente foi potencializada pela pandemia, mas ressaltam que esse fato se trata de um problema estrutural no Brasil que vem se agravando mesmo antes da pandemia com o crescimento da ideologia neoliberal e a reforma trabalhista de 2017.

Em Saraiva; Traversini & Lockmann (2020) o artigo propõe analisar a trama discursiva que se construiu a partir da implementação do ensino remoto no Estado do Rio Grande do Sul durante a pandemia, utilizando a metodologia de análise de discurso de orientação foucaultiana. A partir disso, o artigo chega ao seu eixo analítico “A docência levada à exaustão”, onde discute como o ensino remoto proporcionou cargas excessivas aos professores, mencionando a disponibilidade irrestrita aos docentes em plataformas como *WhastApp* e uma configuração de escolarização que as autoras denominam como “*delivery*”, que se caracteriza pelo processo em que a escola e os docentes planejam as atividades e as entregam para serem executadas pela família. Concluem que nesse sistema a responsabilização dos professores é intensificada, que por sua vez segue-se pela intensificação do trabalho, resultando na exaustão docente.

Ferreira & Barbosa (2020) procuram identificar quais são as condições de realização de práticas docentes no contexto do isolamento social a partir da análise de 3 narrativas de professores encontradas em redes sociais. Os relatos apontam as exigências burocráticas crescentes durante a pandemia, em que os docentes têm demandas cada vez maiores de produção de afazeres superficiais em forma de planilhas, roteiros, esquemas. Também discutem a pressão que os professores sentiram para reproduzir certas práticas pedagógicas das quais não concordam. Concluem que essas narrativas evidenciavam as fragilidades de iniciativas de ensino mecanicista estabelecidas pré-pandemia, que se baseiam unicamente na transposição de conteúdos e técnicas, concluindo a importância de uma formação docente crítica e compartilhada, que reconheça a crescente precarização do trabalho docente.

Por fim, Souza et al. (2021) se difere ao problematizar as mudanças ocorridas no trabalho docente durante a pandemia e suas repercussões na saúde e analisar novas formas de resistências coletivas virtuais sob a liderança do sindicato, fundamentando-se na pedagogia

crítica e dialógica freiriana. Nele é discutido o impacto em tempos de isolamento para a profissão docente, as mudanças no processo geracionais e a saúde docente em si, concluindo a necessidade de um monitoramento contínuo da saúde de profissionais da educação, sob o olhar da saúde coletiva e da vigilância em Saúde do Trabalhador.

Saindo do âmbito da precarização do trabalho docente, as próximas produções focam sobre o significado da profissão docente em si e como a pandemia se relaciona com ele. Nóvoa & Alvim (2021) discutem em formato de ensaio e por uma perspectiva histórica suposições e discursos disseminados durante e após a pandemia sobre o futuro da educação e a profissão docente, os quais eles se referem como ilusões. A primeira das ilusões é o entendimento que as aprendizagens acontecem naturalmente e que a educação está em todos os lugares e em todos os tempos, a segunda seria que a escola, como ambiente físico, acabou e que agora a educação será seu lugar “à distância” e a terceira seria que a pedagogia será substituída por tecnologias. Para essas ilusões o ensaio reitera o importante papel dos professores na construção do espaço da educação, na criação de novos ambientes escolares e na composição de uma pedagogia de encontro. E conclui que a pandemia dá a possibilidade de inventar e construir uma outra educação, que não é necessário voltar à suposta normalidade.

No artigo, Freitas et al. (2021) traz o debate sobre a profissionalidade docente na modalidade da educação infantil, objetivando compreender a natureza das proposições lúdicas durante o ensino remoto em tempos de pandemia. Para isso, desenvolveram uma pesquisa de campo com metodologia qualitativa que abrangeu 108 docentes do estado de Pernambuco, os dados foram coletados via um questionário online. No artigo é discutido as contradições existentes nos protocolos institucionais e pedagógicos que transferem as responsabilidades na efetivação do contato com as crianças, o brincar e a ludicidade na formação continuada das professoras e as concepções subjacentes às atividades lúdicas propostas pelas professoras. Concluindo uma certa inadequação do ensino remoto especialmente na modalidade de educação infantil, devido a sua especificidade, e reiterando a necessidade de um programa de formação continuada para as professoras, que possibilite a análise sobre a constituição de sua profissionalidade docente.

## 2.6 PERCEPÇÕES DE DOCENTES

As produções encontradas nessa subseção focam na temática de experiências e impressões de docentes sobre educação durante a pandemia, tendo eles como sujeitos em suas pesquisas, principalmente no contexto escolar e em situações de ensino remoto. Aqui se reúne

5 produções ao total, representando 4,9% das produções e todas elas são em formato de artigo. A maioria dos autores dessa seção possuem formação na área da educação (70,6%), seguido por computação (17,6%) e psicologia (11,8%), sendo o total de 17 autores nessa categoria (Tabela 14).

Tabela 14 – Área de formação dos autores no subtema “Percepções de docentes/discentes”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
<b>Educação</b>	12	70,6
<b>Computação</b>	3	17,6
<b>Psicologia</b>	2	11,8
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Nas produções de Cipriano, Moreira & Carius (2021), Thiengo et al. (2021) e Dos Santos (2020) o enfoque é principalmente nas percepções de docentes, em que eles são os sujeitos, e todos objetivam compreender mais sobre as suas experiências durante a pandemia.

Em seu artigo, Cipriani, Moreira & Carius (2021) objetivam analisar os pensamentos, sentimentos, desafios e percepções dos docentes durante a pandemia, a pesquisa foi realizada com professores da Educação Básica na cidade Juiz de Fora no estado de Minas Gerais por meio de um questionário virtual, as respostas foram analisadas por uma abordagem qualitativa e estatística descritiva. Concluem que os registros apresentados demonstram professores em estado de ansiedade, preocupação e angústia, com uma sobrecarga de trabalho, possuindo dificuldades na adoção de novos recursos tecnológicos e meios de ensino e uma limitação na interação entre professores e alunos que dificulta o processo de ensino-aprendizagem. Para os autores esses relatos demonstram a necessidade de apoio a docentes seja no quesito psicológico e de bem-estar, ou na aquisição ou uso de tecnologias da informação no ambiente profissional.

Em Thiengo et al. (2021) foi apresentado dados de uma pesquisa de campo desenvolvida com 321 docentes da Educação Básica e Superior de 14 Estados brasileiros, por meio de questionários digitais. Os relatos aqui encontrados são similares ao da primeira produção discutida, sendo que os professores descrevem seus cotidianos como tensos, sobrecarregados, frustrantes e outros adjetivos negativos. Os autores relatam que grande parte das preocupações dos professores são relacionadas a baixa participação e baixo aproveitamento e aprendizagem dos alunos. Afirmam que essas problemáticas estão relacionadas a falta capacitação de

professores ao ensino remoto, a falta de acesso à internet por parte dos docentes e discentes, mudanças bruscas de rotina, pouca autonomia dos estudantes entre outros fatores que surgiram com a vinda do ensino remoto. Porém os autores informam que essas dificuldades não resultaram em apatia ou inércia, e que nos depoimentos foi possível notar mobilização e organização dos professores para enfrentar essas dificuldades.

Dessas três produções, Santos (2020) se diferencia ao explorar as experiências e perspectivas de professores portugueses ao utilizar a plataforma *Zoom* durante a pandemia, para isso foi selecionado 32 docentes que atuam no “ensino secundário” em Portugal e realizados 5 grupos focais de maneira virtual. O artigo relatou 4 tipos desafios principais para os docentes, os comunicacionais, aonde os professores se sentem exaustos psicologicamente devido à ausência de comunicação cara-a-cara com os alunos; os pedagógicos, em que os professores sentem falta de competências pedagógicas perante ao ensino online; os sociais, em que os professores relatam dificuldades em sua vida pessoais e relações interpessoais; e os tecnológicos, em que os professores se queixam sobre faltas de recursos ou relatam ansiedades sobre tecnologia. O artigo conclui que mesmo que haja uma insatisfação generalizada, que ainda assim há grandes vantagens de uma educação online e que ela deve ser estimulada e não banida.

De outra forma, as produções de Santos, Ferrete & Alves (2021) e Gonçalves, Ferreira & Graciano Neto (2021) se diferenciam pois embora tenham professores como sujeitos em suas pesquisas, seus objetivos são analisar as experiências de professores durante a pandemia em contexto com alguma metodologia pedagógica.

Na produção de Santos, Ferrete & Alves (2021), o objetivo é descrever a utilização dos Cenários Virtuais de Aprendizagem, que são definidos como espaços disponíveis na *web* que não foram criados especificamente para fins educacionais (Barros et al. 2014), como recurso pedagógico implementados em escolas públicas na cidade de Jeremoabo no Estado da Bahia, utilizando experiências docentes coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas de maneira virtual. Concluem que a facilidade de acesso e manuseio dos Cenários Virtuais de Aprendizagem contribuíram para a exploração do trabalho pedagógico durante o ensino remoto emergencial, relatando que o aplicativo WhatsApp foi o mais utilizado, devido sua facilidade de interação e menor consumo de dados móveis. Mas que novamente se apresenta uma falta de apropriação tecnológica por parte dos professores, demonstrando como um desafio emergente na pandemia.

Da mesma maneira, Gonçalves, Ferreira & Graciano Neto (2021) objetivam analisar a proficiência de professores do curso de Ciência da Computação ao utilizar a metodologia de

aulas invertidas em suas aulas remotas para a matéria de Introdução à Programação, para isso foi aplicado um questionário. Seus resultados mostram o papel fundamental das interações entre professores e alunos para a mediação de atividades na sala de aula, afirmando que com a mudança para o ensino remoto é necessária uma adaptação por parte dos professores, que se malsucedida pode levar a uma desconexão social, fazendo atividades serem menos interativas, comprometendo o processo de ensino aprendizagem. Reitera uma dificuldade de muitos docentes em utilizar estratégias que possibilitam auto e correção dos estudantes e que para superar essas dificuldades são necessárias estratégias didáticas que contextualizem e exemplifiquem conteúdo específicos em programação computacional.

## 2.7 ESCOLA E FAMÍLIA

A temática de escola e família reúne 3 produções ao total, simbolizando 2,9% das produções, sendo 2 em formato de artigo (66,7%) e 1 em formato de ensaio (33,3%), essa categoria reúne produções que possuem um enfoque em debates sobre a relação entre a instituição escolar e a família durante a pandemia. Essa seção é constituída por 8 autores ao total, que possuem área de formação em educação (87,5%) e computação (12,5%) (Tabela 15).

Tabela 15 – Área de formação dos autores no subtema “Escola e família”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
Educação	7	87,5
Computação	1	12,5
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

Embora as três produções aqui encontradas possuam a mesma temática, é possível notar diferenças significativas em perspectivas e sujeitos, Respeito (2021) e David et al. (2021) são artigos que se assimilam em metodologias e em suas discussões, enquanto Guizzo, Marcello & Muller (2020) possui uma abordagem distinta mais reflexiva em seu artigo.

Respeito (2021) objetiva investigar a importância da autonomia e participação dos Pais no Processo Ensino Aprendizagem das crianças em tempos de pandemia no distrito de Inhassunge, localizado em Moçambique. Para isso é feito uma pesquisa qualitativa através de questionários, aplicados em diretores adjuntos pedagógicos e professores. Na perspectiva dos

sujeitos, a participação dos pais e/ou encarregados contribui de maneira significativa para o rendimento pedagógico das crianças, mas relatam que é algo que falta no distrito investigado, devido ao baixo nível socioeconômico. O artigo relata que os pais e as crianças mais velhas procuram durante o dia trabalhar para garantir sua sobrevivência e sustento e que por isso enfrentam dificuldade de comprar o material didático deixado pela escola em tempo de pandemia. O artigo conclui que é necessário a disponibilização de materiais didáticos para todas as crianças, inclusive as que não tenham dinheiro para comprá-lo e que os pais ou responsáveis criem tempo para orientar as crianças em seus estudos.

Por sua vez, David et al. (2021) procura investigar a implantação do ensino remoto emergencial em escolas de educação infantil da rede privada em na cidade de Fortaleza no Ceará, examinando o tema pelas perspectivas das famílias das crianças por meio de um questionário online. O artigo relata que na maioria das vezes cabe as mães o papel principal de mediar o conhecimento no ensino remoto com suas crianças, contando as vezes com participação de outros membros da família e aponta que a maior queixa por parte dos pais é a falta de diálogo entre a escola e família sobre o novo formato de ensino aplicado. Também conclui que a aprendizagem das crianças é impactada por fatores de contexto familiar, como a rotina de casa, a fragilidade da situação psicológica e o ambiente em si de estudo, sendo o ensino remoto alvo de muitas críticas por parte dos pais devido a quantidade de conteúdo e atividades passadas para as crianças.

Guizzo, Marcello & Muller (2020) se distingue em sua abordagem ao tema, se embasando nas noções de *estratégia e tática* de Michel de Certeau e argumentando que a quarentena dá origem a um deslocamento nas crianças e em suas famílias. O artigo se propõe a discutir sob essas lentes seis cenas expressivas da reinvenção do cotidiano, que estão vinculadas com três dimensões específicas: a relação de famílias com as tecnologias; a relação das famílias com a escola; e a relação das famílias com suas crianças. Nas primeiras quatro cenas, os autores exploram com a visão de *estratégica*, salientando que as práticas sugeridas estão comprometidas com a manutenção da maneira de existir, mesmo no contexto excepcional da pandemia. E as últimas duas cenas são da visão da *tática*, em que as práticas cotidianas das famílias abrem o espaço para a criação do novo, e não sua manutenção.

## 2.8 NEGACIONISMO

Essa seção possui 3 produções ao total, representando 2,9% das produções, sendo que todas elas são em formato de artigo, todos os artigos aqui encontrados abordam sobre a temática

do negacionismo e seus impactos ou relações na pandemia. Cada artigo é escrito por um autor diferente, totalizando 3 autores totais nessa categoria e cada autor possui uma área de formação diferente, sendo elas educação (33,3%), antropologia (33,3%) e saúde (33,3%) (Tabela 16).

Tabela 16 – Área de formação dos autores no subtema “Negacionismo”

<b>Área de Formação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Educação</b>	1	33,3
<b>Antropologia</b>	1	33,3
<b>Saúde</b>	1	33,3
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>100,00</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

O termo negacionismo é explorado nesses artigos e é definido como a prática de negar sistematicamente verdades que causam medo ou desconforto. Veiga-Neto (2020) e Morel (2021) ambos objetivam discutir os impactos dessa crescente mentalidade durante a pandemia e procuram propostas educacionais que possam contrapor e combater a propagação proposital de desinformação.

Veiga-Neto (2020) foca em propostas educacionais para a Educação Científica, propondo sugestões curriculares em que o autor define em duas dimensões principais, a gnosiológica e a formativa. A primeira se preocupa com os conteúdos do currículo, que para o autor não podem ficar somente no patamar de informações, e que é necessário combinar e articular os conteúdos entre si, resultando na integração deles e elaborando uma educação mais complexa. A segunda se preocupa sobre o currículo propor a aprendizagem de condutas éticas e o exercício da colaboração mútua. Além dessas dimensões, o autor destaca a importância da contextualização no ensino científico, e que é necessário enfatizar o caráter histórico-social das teorias científicas, de modo que seja possível ao aluno entender a relação do mundo da ciência em sua vida cotidiana, para o autor, essa relação é uma forma do aluno ser capaz de neutralizar o negacionismo.

Morel (2021) foca principalmente no negacionismo durante a pandemia em relação a área da saúde e propõe ações educativas baseadas em noções freiriananas de diálogo e conflito como uma forma de combater o fenômeno. Para os autores o negacionismo é ancorado numa ausência de um mundo compartilhado, sendo assim, a melhor concepção de educação em saúde para contrapor essa ausência é a educação popular da saúde, que permite que os conhecimentos

científicos sejam traduzidos e problematizados de maneira que possibilite a superação do distanciamento entre as políticas de saúde e a realidade da população. O artigo afirma que a partir dessa perspectiva educativa, é possível aprender com os movimentos sociais que produzem importantes ações-reflexões coletivas, possibilitando o enfrentamento de necropolíticas e do negacionismo.

Em Campos (2020) se discute o negacionismo propagado pelos discursos e ações do governo federal durante a pandemia, e como resultou em dificuldades para o enfrentamento do covid-19. Esse artigo, que se localiza na seção de notas de conjuntura da revista, expõe a crueldade do argumento reiterado durante esse momento, que seria necessário se escolher entre a preservação da economia ou a preservação da vida, e que o governo priorizaria a primeira. Afirma que a postura do governo durante a pandemia expressa o descaso e desconsideração para com as camadas mais vulneráveis de nossa população, que são as que mais sofrem em momentos históricos como este. Sendo assim, o texto trata-se de uma dura crítica sobre as ideologias e ações do governo durante esse período.

## 2.9 OUTROS

Nessa última seção foi separado as produções que exploram diferentes debates e temáticas que não se encaixam nas categorias anteriores e que não puderam ser agrupadas. Aqui se encontram 5 produções ao total, representando 4,9% das produções totais, sendo que 3 delas são em formato de artigo (60%) e 2 em formato de ensaio (40%). A seção possui um total de 9 autores nessa categoria, que possuem formação nas áreas de educação (77,8%) e psicologia (22,2%) (Tabela 17).

Tabela 17 – Área de formação dos autores no subtema “Outros”

Área de Formação	Quantidade	Frequência (%)
<b>Educação</b>	7	77,8
<b>Psicologia</b>	2	22,2
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,0</b>

Elaboração própria. Fonte: Artigos selecionados

A temáticas encontradas nessa seção são: saúde mental, sexualidade, educação não-escolar, ensino de ciências e de artes em contexto da pandemia. Como essas produções

abrangem várias temáticas diversas, não é possível simplesmente agrupá-las em subseções, mas ainda é possível encontrar semelhanças entre elas de modo que possibilite as suas análises. Ferreira (2021), Silva Júnior; Felix & Couto (2020) e Reis & Rezende são artigos que discutem temas fora do âmbito escolar, resultando numa certa intersecção de debates, tais como relações interpessoais e seus impactos na saúde mental das pessoas durante a pandemia e pedagogia em ambientes não escolares.

Sendo assim, Ferreira (2021) explora tema de saúde mental de idosos brasileiros usuários da internet durante a pandemia. O artigo objetiva investigar fatores como isolamento, ideias sobre covid-19 e indicadores de saúde mental em idosos, e a relação desses fatores entre si e suas diferenças por gênero. Para a investigação, foi implementado questionários online em uma metodologia quantitativa. O artigo afirma a existência de diferenças entre homens idosos e mulheres idosas em indicadores de saúde mental e que os resultados apontam que mulheres tendem a sofrer mais com depressão e solidão e que tem menos resiliência diante da pandemia, também afirmam que mulheres são mais adeptas as medidas de isolamento do que homens e que se importam mais com medidas de saúde pública. A autora conclui que intervenções que promovem saúde mental devem levar em conta as particularidades dessa demográfica e que mulheres mais velhas devem ser priorizadas.

Ferreira (2021) aponta que os resultados da amostra de seus sujeitos não podem ser generalizados para todos os idosos brasileiros. Devido a pesquisa ser de caráter online, a amostra é composta por pessoas com um nível socioeconômico mais alto, já que a maioria dos idosos brasileiros não possuem internet, e o fato de a pesquisa ser de caráter quantitativo também limita a discussão e o debate sobre o tema. Esta é a única produção encontrada que foca sobre a temática de saúde mental durante a pandemia, embora muitas outras abordam o tema perifericamente, o fato que aborda sobre a demográfica de idosos que por muitas vezes são esquecidos em debates é de extrema importância e relevância, no futuro seria interessante aprofundar esses debates, abordando idosos que não possuem acesso à internet.

Em Silva Júnior; Felix & Couto (2020) também são discutidas questões sobre solidão e relações interpessoais durante a pandemia, mas sobre a perspectiva de pedagogias culturais, aportando-se principalmente em Camozzato (2018), Couto (2014) e Arroyo (2012). Partindo do conceito que nos tornamos sujeitos de uma determinada cultura por meio da educação e que aprendemos e ensinamos formas adequadas e desejadas de se participar da sociedade, esse processo pode ocorrer em diferentes espaços, incluindo espaços cibernéticos. A partir de uma abordagem qualitativa, descritiva e analítica o artigo objetiva analisar relatos de amor e sexo de um grupo de homens gays usuários do aplicativo Tinder, procurando identificar as pedagogias

culturais resultantes dessas interações.

Desta maneira o foco principal do artigo é discutir relações interpessoais de gênero e sexualidade e as pedagogias que são formadas a partir disso. Os autores relatam mudanças em os sujeitos interagem pelo aplicativo, buscando formar relações mais duradouras, redes de apoio e até mesmo reavivando ideais de amor romântico como estratégias de cuidado de si e para manter a saúde física e mental. Os autores concluem que a pandemia do covid-19 promove intensas modificações da vida privada e sociais das pessoas. Sendo assim, Silva Júnior; Felix & Couto (2020) se destacam como a única produção que tratou da temática de sexualidade durante a pandemia, analisando essas relações interpessoais de maneira singular, indo além do espaço escolar, com pedagogias que surgem até mesmo em espaços virtuais.

Reis & Rezende (2021) também é uma produção que investiga pedagogias fora do espaço escolar, embasando-se no conceito de educação não-formal de Gohn (2006), que já foi explorado anteriormente na seção de Diferenças/ desigualdades na pandemia. O artigo é um estudo de caso a partir de uma *live* feita pela escola de samba Unidos do Viradouro em abril de 2020 e objetiva identificar elementos pedagógicos não-formais nesse evento. Os autores relatam que embora o principal propósito da *live* tenha sido o anúncio do enredo da escola de samba para o próximo carnaval, os participantes a imbuíram com mensagens informativas sobre os riscos da doença covid-19, suas formas de prevenção e defendendo o isolamento social como uma maneira de impedir a proliferação da doença. Desta maneira, apontam seu potencial informativo como uma pedagogia não-formal e reforçam a importância de eventos e espaços assim que alcancem públicos que são marcados por famílias desassistidas e com baixas condições de acesso a saúde e educação formal.

As produções de Catarino & Reis (2021) e Carvalho; Gottardi & Souza (2020) abordam a temática de ensino na modalidade escolar durante a pandemia.

Catarino & Reis (2021) retomam em seu ensaio discussões na área de ensino de ciências que foram projetadas e dificuldades que foram reforçadas com a chegada da pandemia, baseando-se na perspectiva sócio-histórico-cultural e dialógica de Paulo Freire, e procuram oferecer possibilidades para superações dessas dificuldades.

Como visto na seção de “Negacionismo” o ensino de ciências é crucial para o enfrentamento de movimentos anticientíficos como o Terraplanismo e Antivacina, esse debate é retomado neste ensaio, afirmando que no cenário atual é uma das principais preocupações que o campo do ensino em ciências tem abordado. Para os autores, práticas pedagógicas interdisciplinares são fundamentais para esse enfrentamento, mostrando que a Ciência como uma prática humana, que é influenciada por fatores sociais, culturais, políticos e éticos.

Carvalho; Gottardi & Souza (2020) discutem por meio de um ensaio sobre a ação e a subjetividade entre corpos e o ensino da arte durante a pandemia e no distanciamento social. Devido a isso essa produção se difere vastamente de qualquer outra aqui discutida nessa seção por seu caráter reflexivo, embasando-se nos estudos de sociologia do corpo de Le Breton (2012) e referem-se a corpos durante a pandemia como corpos[pandêmicos]. Para os autores os corpos[pandêmicos], são lugares íntimos que podem ser explorados no ensino da arte e cabe ao docente permitir que o potencial subjetivo seja utilizado em práticas pedagógicas, mesmo que a distância.

### 3 CONCLUSÃO

A presente monografia teve por objetivo apresentar um balanço sobre a produção acadêmica brasileira na área da educação sobre a temática da pandemia da covid-19, por meio da descrição e análise de produções encontradas em periódicos brasileiros nos anos de 2020 e 2021. O levantamento demonstrou que os tópicos mais recorrentes durante esse período foram sobre a modalidade de ensino remoto, reflexões sobre os sentidos da escola e educação, desigualdades e diferenças na pandemia, políticas públicas e escolares, trabalho docente, percepções docentes e discentes, escola e família e negacionismo entre outros.

Com a modalidade de ensino remoto emergencial, muitas das produções procuravam entender as mudanças e alterações no processo pedagógico, como no currículo, no processo de avaliação, nas práticas pedagógicas e na gestão das escolas durante o período do fechamento das mesmas propiciado pela pandemia. Muitas produções relataram como preocupação principal que esse processo de adaptação a uma nova modalidade seja feita de maneira automática, procurando somente cumprir o calendário escolar proposto e simplesmente transpondo o ensino presencial para o ensino remoto, sendo assim, não usufruindo das qualidades que essa modalidade de ensino seja capaz de propiciar.

Ainda sobre a modalidade de ensino a distância, é possível notar um grande debate que percorre por todo o balanço sobre a diferença entre as terminologias para a modalidade, principalmente no Brasil. As produções constantemente discutem a relação entre a EaD e ERE, mesmo que a discussão não seja o tópico principal a ser discutido. A maioria das produções fazem questão de as diferenciar, relatando a ERE como uma modalidade nova que se dá no início da pandemia com encontros síncronos e com pouco planejamento e a EaD como uma modalidade já existente com encontros assíncronos e com didática concreta. Uma minoria, porém, rejeita essas definições e destaca uma complexidade maior sobre o tema.

Saindo do foco da modalidade de ensino, um outro grande debate encontrado no balanço foi as análises dos significados que podemos encontrar com a experiência pandêmica no campo educacional. Muitas das produções procuraram dar sentidos para o desconforto, angústia e isolamento propiciado pela pandemia, sendo que a maioria buscou entender como manter a esperança nesses tempos rejeitando a tendência da humanidade de se voltar para uma predisposição niilista por meio da força libertadora da educação. Foi destacado o impacto que a pandemia terá para o campo educacional, podendo ter agido como um catalisador para mudanças inevitáveis, como o crescimento da presença das TDIC e IA na educação, a maioria das produções, porém, veem este momento como uma oportunidade de reinvenção.

Uma das principais preocupações e debates também encontrados no balanço foi o efeito da pandemia sobre a escolaridade das camadas mais vulneráveis de nossa população. Este tópico esteve presente em muitas produções mesmo quando o seu eixo temático não era especificamente sobre desigualdades. Se teve um grande foco sobre: a acessibilidade do ensino remoto para as camadas mais pobres da população, a mudanças necessárias a serem feitas para um ensino mais acessível para PcD e principalmente como historicamente, mulheres, indígenas, negros entre outros, acabam sendo mais impactados em momentos de crise como a pandemia.

Grande parte das produções ressaltaram como isso se dá pelo sistema capitalista hegemônico e neoliberal em que nossa sociedade se encontra. Isso é refletido também em produções que procuram discutir os impactos da influência da classe empresarial na educação. Muito dos artigos analisaram documentos do Banco Mundial produzidos durante a pandemia, e em sua maioria veem seus vieses economicistas, que agem de maneira para proteger seus interesses privados, de maneira negativa. É salientado novamente a crescente influência que essa classe tem tido no campo educacional, que continua impulsionando ideias que se alinham a ideologias capitalistas neoliberais.

Foi possível perceber também, que muitos dos trabalhos focaram na classe docente, principalmente em suas percepções e nas alterações que a pandemia trouxe para o seu trabalho. Muitas produções destacam a exaustão docente que a pandemia propiciou, seja pela mudança completa de modalidade de ensino que a classe teve que se adaptar, mas também sobre o aumento de horas em que o professor era obrigado a cumprir e a dificuldade de se “desligar” do seu trabalho, já que a modalidade de ERE proporciona um constante estado de disponibilidade do profissional.

Sente-se falta, porém, de mais produções que foquem sobre os impactos desse momento focando diretamente nos discentes e poucos são os trabalhos que focam diretamente em suas percepções sobre o momento e principalmente sobre os impactos da pandemia na saúde mental em relação a educação. Também pode perceber uma falta, sobre como o ERE afetou a relação dos alunos e sua aprendizagem, sendo que vivemos em um momento que jovens são constantemente estimulados pelo mundo online e o momento em que a pandemia juntou a educação com esse mundo deve ser mais investigado.

Para finalizar, em 5 de maio de 2023 a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública da pandemia da covid-19, a maioria das escolas já voltaram a normalidade do ensino presencial conforme as campanhas de vacinação em massa no mundo começaram, mas os efeitos e traumas de três anos passados em isolamento e angústia não podem ser apagados tão facilmente. No campo da educação, não sabemos ainda quais serão as consequências desse

período a longo prazo, mas já é possível ver mudanças permanentes, como a implementação de TDIC, ambientes virtuais e o aumento no acesso e utilização de IA. Nesse momento teremos uma escolha a fazer, esquecer e ocultar os últimos anos, ou enfrentar as consequências e escolher aprender com a dor e talvez, até mesmo, reinventar a escola. Como esse trabalho foi concebido principalmente durante a pandemia, nossa visão sobre o escopo dos assuntos e possibilidades de aprendizado ainda são limitados, no futuro seriam necessários mais balanços que procuram entender os efeitos de um mundo pós-pandêmico no campo educacional.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. C.; DALBEN, A. (Re)Organizar o trabalho pedagógico em tempos de covid-19: no limiar do (im)possível. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, e239688, p. 1-20, 2020.
- ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempo de exclusão. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p. 221-230 (Coleção educação para todos)
- ARROYO, M. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel Gonzales; NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 2010.
- ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BANIWA, G. A PEDAGOGIA DA RESILIÊNCIA INDÍGENA EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 30, n. jan/dez, p. 1–17, 2021. DOI: 10.29286/rep.v30ijan/dez.12919. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12919>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BARROS, D. M. V.; ROMERO, C. S.; MOREIRA, J. A. Cenários Virtuais de Aprendizagem, colaboração e intercâmbio: a coaprendizagem como uma estratégia didático pedagógica. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, São Cristóvão, v. 7, n.14, p. 77-88, 2014.
- BEHAR, P. A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a distância. **UFRGS**. 6 jul 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BIASOLI, K. A. .; SOUSA, C. P. de . Direitos da criança e a educação: notas iniciais para pensar a vida na pandemia . **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 30, n. jan/dez, p. 1–25, 2021. DOI: 10.29286/rep.v30ijan/dez.11683. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/11683>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021. 70 p.: il.

BRUNO, A. R.; HESSEL, A. M. D. G. Presenças remotas: narrativas sobre as aulas inovadoras em tempos de distanciamento físico. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 30, n. 64, p. 60–75, 2021. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2021.v30.n64.p60-75. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/11765>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRUSCATO, A. M.; BAPTISTA, J.. Modalidades de ensino nas universidades brasileiras e portuguesas: um estudo de caso sobre a percepção de alunos e professores em tempos de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260035, 2021.

CAMARGO, R. M. P. de; OLIVEIRA, S. S. B. Vozes de Professores: Política Municipal de Alfabetização de Manaus em Debate. **Educação**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e49/ 1–25, 2021. DOI: 10.5902/1984644455163. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/55163>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CAMOZZATO, V. C. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 107-119, jan./abr. 2018.

CAMPOS, G. W. DE S.. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, p. e00279111, 2020.

CARVALHO, A. P. P. M. DE; LIMA, E. B. Um tempo – nem tão novo tempo – advindo da COVID-19: Desafios político-curriculares no eixo Brasil-Portugal. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 786–806, 1 set. 2020.

CARVALHO, C.; GOTTARDI, P.; SOUZA, H. R. L. R. Corpos[pandêmicos]: ação e subjetividade na arte educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015527, 2020. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-43092020000100401&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092020000100401&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 09 mar. 2023. Epub 17-Set-2020. <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.15527.083>.

CARVALHO, J. S. F. DE. Um Sentido para a Experiência Escolar em Tempos de Pandemia. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. e109144, 2020.

CARVALHO, J. S. F. DE.; BOTO, C. MESTRES IGNORANTES E PROFESSORES EXPLICADORES EM TEMPOS DE PANDEMIA E DE CULTURA DIGITAL. **Educação & Sociedade**, v. 42, n. Educ. Soc., 2021 42, p. e250432, 2021.

CÁSSIO, F.; RIBEIRO, I.; CORTI, A. P. Escolas Abertas, o movimento ‘social’ que quer reabrir escolas públicas. **Carta Capital**, 20 Jan. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/escolas-abertas-o-movimento-social-que-quer-reabrir-escolas-publicas/>>. Acesso em: 15 nov. 2022

CASTIONI, R. et al. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: Avaliação Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 111, p. 399–419, 1 abr. 2021.

CATARINO, G. F. DE C.; REIS, J. C. DE O.. A pesquisa em ensino de ciências e a educação científica em tempos de pandemia: reflexões sobre natureza da ciência e interdisciplinaridade. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, p. e21033, 2021.

- CAZÉ, B.; PASSOS, M.; RIBEIRO, J. Empurrar o céu: Reflexões com os cotidianos e a pandemia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 755–767, 2020.
- CELESTINO, E. H.; VIANA, A. B. N. Educação em tempos de COVID: o que as instituições de ensino estão fazendo de acordo com a mídia online. **Educação (UFSM)**, v. 46, n. 1, 4 set. 2021.
- CHARCZUK, S. B. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educacao and Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–20, 2020.
- CHIAPPE, A.; WILLS, A. E. Crowd-based Open Online Education as an alternative to the Covid-19 educational crisis. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 30, n. 114, p. 32–51, 2021.
- CIPRIANI, F. M.; MOREIRA, A. F. B.; CARIUS, A. C. Atuação Docente na Educação Básica em Tempos de Pandemia. **Educação e Realidade**, v. 46, n. 2, p. 1–24, 2021.
- CORTI, A. P. Ensino médio: entre a deriva e o naufrágio. In F. Cássio (Ed.), **Educação contra a barbárie**: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. Boitempo, 2019. p. 47-52.
- COSTIN, C. Educar para um futuro mais sustentável e inclusivo. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 43–51, 1 jan. 2020.
- COUTINHO, A. S.; CÔCO, V. Educação Infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, v. 15, n. 1, 1 jul. 2020.
- COUTO, E. S. Pedagogia das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C; SANTOS, E. O. dos (org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir e compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- UNICEF. COVID-19: Schools for More than 168 million Children Globally Have Been Completely Closed for Almost a Full Year, Says UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, 10 Mar. 2021, <<https://www.unicef.org/india/press-releases/covid-19-schools-more-168-million-children-globally-have-been-completely-closed>> Acesso em: 10 ago. 2023.
- CUADRADO, A. M. M.; SÁNCHEZ, L. P.; TORRE, M. J. DE LA. Las competencias digitales docentes en entornos universitarios basados en el Digcomp. **Educar em Revista**, v. 36, p. e75866, 2020.
- CUNHA, T.; VALLE, L. DE P. A pandemia na vida das mulheres: Uma reflexão feminista a partir de Moçambique e Brasil. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1–20, 2021.
- DAVID, P. B. et al. Ensino remoto emergencial na educação infantil: experiência em escolas privadas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, p. 1–26, 10 nov. 2021.
- DE WIT, H. O futuro da internacionalização do ensino superior em contextos globais desafiadores. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 3, p. 538–545, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i3.8659471. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8659471>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- DUSSEL, I. La escuela en la pandemia. Reflexiones sobre lo escolar en tiempos dislocados. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–16, 2020. DOI:

10.5212/PraxEduc.v.15.16482.090. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16482>. Acesso em: 31 mar. 2023.

EBERSON, L. Resiliência coletiva ao desafio global: transformar uma agenda coletiva de bem-estar rumo a uma educação equitativa sustentada. **Praxis Educativa**, v. 15, p. 1–15, 2020.

ESCOLA, J. J. J. Educational Communication: perspectives and challenges with COVID-19. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–22, 2020.

ESTELLES, M.; FISCHMAN, G. E. Imaginando uma Educação para a Cidadania Global pós-Covid-19. **Práxis Educativa**, v. 15, 29 maio 2020.

FCC. Educação Escolar em tempos de Pandemia. **Fundação Carlos Chagas**, 2021.

Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FERNANDES, S. A. DE S.; MONTEAGUDO, D. G.; MENA, N. P. COVID-19 y el cierre de escuelas: Aportes de las ciencias sociales para la construcción de un currículo postcrítico desde el GEOFORO Iberoamericano. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 842–870, 1 set. 2020.

FERREIRA, H. G. Gender differences in mental health and beliefs about Covid-19 among elderly internet users. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, 31, e3110. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-4327e3110> 2021.

FERREIRA, J. L.; BRITO, G. DA S.; SCHERER, S. Currículos em ação em tempo de pandemia. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 30, n. 64, p. 92–106, 19 nov. 2021.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–24, 2 jul. 2020.

FERRETI, C. J.; DA SILVA, M. R. Reforma do ensino médio no contexto da medida provisória Nº 746/2016: Estado, currículo e disputas por hegemonia. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 385–404, 1 abr. 2017.

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 25–42, 1 maio 2018.

FRANÇA, R. C.; MASELLA, M. B.; DE ARAGÃO, A. M. F. A educação infantil na pandemia: A experiência de uma escola pública antirracista. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 893-918, set/dez. 2020.

FREIRE, Paulo. A máquina está a serviço de quem? **Revista BITS**, p. 6, maio de 1984.

FREITAS, M. B. et al. Profissionalidade docente e ludicidade na educação infantil em tempos de pandemia. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 54, p. 223–243, 2021.

GARCIA, J.; GARCIA, N. F. Impactos da pandemia de COVID-19 nas práticas de avaliação da aprendizagem na graduação. **EccoS – Revista Científica**, n. 55, p. e18870, 16 dez. 2020.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29–41, 1 jan. 2020.

- GENIS, A. D. Nihilismo, Pandemia y Educación. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–11, 2020.
- GOMES, C. A. et al.. Education during and after the pandemics. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 574–594, jul. 2021.
- GONÇALVES, A. C.; FERREIRA, D. J.; GRACIANO NETO, V. V. Computer Programming Teachers' Challenges for Promoting Students Regulation on Flipped Learning Activities during COVID-19. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, n. 71, p. 1820–1838, 11 nov. 2021.
- GROPPO, L. A.; CORROCHANO, M. C. **Movimentos conservadores e a Educação no Brasil atual: Por Luis antonio groppo e Maria Carla Corrochano: GT 03**. Disponível em: <[https://www.anped.org.br/news/movimentos-conservadores-e-educacao-no-brasil-atual-por-luis-antonio-groppo-e-maria-carla#\\_ftn1](https://www.anped.org.br/news/movimentos-conservadores-e-educacao-no-brasil-atual-por-luis-antonio-groppo-e-maria-carla#_ftn1)>. Acesso em: 9 dec. 2022.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: **Anais I Congresso Internacional de Pedagogia Social**, São Paulo: USP, 2006. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2023.
- GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. DE A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1–18, 2020.
- GUSSO, H. L. et al. ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIRETRIZES À GESTÃO UNIVERSITÁRIA. **Educacao e Sociedade**, v. 41, p. 1–27, 2020.
- HAMMEL, C.; SANTOS, S. A. DOS; MIYAHARA, R. Y. Alunos com deficiência intelectual e aprendizagem significativa: uma sequência didática sobre o tema - coronavírus. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 1–17, 20 jan. 2021.
- HERMANN, N. A Aprendizagem da Dor. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–12, 2020.
- IVENICKI, A. Digital Lifelong Learning and Higher Education: multicultural strengths and challenges in pandemic times. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 111, p. 360–377, 1 abr. 2021.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REE-v7n12008-20390. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- JOAQUIM, B.; PESCE, L. Inovação, inclusão digital e educação ao longo da vida. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 30, n. 64, p. 107–119, 19 nov. 2021.
- KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–9, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- KRAWCZYK, N. Ensino médio: empresários dão as cartas na escola pública. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 21–41, 2014.
- KRAWCZYK, N.; SILVA, C. J. DE O. Desigualdades educacionais no ensino médio brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico de jovens que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio. **Sensos-e**, v. 4, n. 1, p. 12–23, 2017.

- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução Sonia M. S. Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LEITE, L. H. A.; RAMALHO, B. B. M.; DE CARVALHO, P. F. L. Pandemia de covid-19, projeto colonial e inflexões anticoloniais na educação escolar. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 711–728, 1 set. 2020.
- LOUZADA, V.; AMANCIO, C.; ROSSATO, B. A avaliação institucional e a gestão na/da educação infantil em meio à covid-19. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, p. e08247, 16 nov. 2021.
- MACHADO, R. DA R.; DE MELLO, M. N.; SARDENBERG, T. Educação Museal para pessoas com deficiência durante a pandemia da Covid-19: desafios e oportunidades de inclusão social. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 51, p. 438–455, 2020.
- MACHADO, K. G. W.; SOSO, F. S.; KAMPFF, A. J. C. Aulas on-line no contexto da educação superior em tempos de pandemia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 633–655, 1 set. 2020.
- MARTINS, M. L. B.; GABRIEL, C. T. Avaliação em tempos pandêmicos: sentidos de aprendizagem em negociação. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, p. e08342, 22 out. 2021.
- MELLO, J. P. DE; VITORINO, A. J. R. Ensaio crítico sobre as possíveis estratégias adotadas para o enfrentamento ao fechamento das escolas provocado pela COVID-19: Rede municipal de ensino de Campinas (SP) – Brasil. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 807–820, 1 set. 2020.
- MERLADET, F.; REIS, G.; SÜSSEKIND, M. L. Ecologia de saberes, para adiar o fim da escola. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–16, 18 nov. 2020.
- MORAES, H.; BRESSAN, L.; FERNANDES, A. Espaço reconfigurado: a casa como sala de aula e um novo imaginário emergencial pela pandemia. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, América do Norte, 18 5 05 2021.
- MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. 1–14, jan. 2021.
- MOREIRA, F. D. D. S. Ensinando Conceitos sobre a Pandemia com Símbolos Tangíveis. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. 729–742, 2021.
- MORGADO, J. C.; SOUSA, J.; PACHECO, J. A. Educational transformations in pandemic times: From social confinement to curriculum isolation. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–10, 19 jun. 2020.
- NAIDU, S. et al. Recalibrating institutional choreographies for future-focused learning and teaching. **Revista FAAEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador v. 30, n. 64, p. 76–91, out./ dez. 2021.
- NAKANO, T. DE C.; ROZA, R. H.; OLIVEIRA, A. W. DE. ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE SEUS IMPACTOS. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 3, p. 1368–1392, 29 set. 2021.
- NARDI, R. A pesquisa em ensino de Ciências e Matemática no Brasil. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 2, p. I–V, jun. 2015.

NEVES, V. N. S. et al. UTILIZAÇÃO DE LIVES COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE DURANTE A PANDEMIA PELA COVID-19. **Educação e Sociedade**, v. 42, p. 1–17, 2021.

NEVES, V. N. S.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. DOS S. Trabalho docente no Brasil durante a pandemia da Covid-19. **Educação Unisinos**, v. 25, p. 1–18, 24 set. 2021.

NHAMPOCA, E. C. Educação e direitos das mulheres em tempos de pandemia em Moçambique | Education and women's rights in the time of pandemia in Mozambique. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1–21, 2021.

NICODEMOS, A.; SERRA, E. Educação de jovens e adultos em contexto pandêmico: Entre o remoto e a invisibilidade nas políticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 871–892, 1 set. 2020.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Covid-19 e o fim da educação: 1870 – 1920 – 1970 – 2020. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 25, p. e110616, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/110616>. Acesso em: 10 ago. 2023.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C.. OS PROFESSORES DEPOIS DA PANDEMIA. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. e249236, 2021.

NOZU, W. C. S.; KASSAR, M. DE C. M. Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19. **Praxis Educativa**, v. 15, 9 jun. 2020.

OKADA, A.; SHEEHY, K. O VALOR DA DIVERSÃO NA APRENDIZAGEM ON-LINE: UM ESTUDO APOIADO NA PESQUISA E INOVAÇÃO RESPONSÁVEIS E DADOS ABERTOS. **Revista e-Curriculum**, v. 18, n. 2, p. 590–613, 26 jun. 2020.

OLIVEIRA, E. C. DE et al. Desafios da práxis freireana em tempos de pandemia: ensino remoto e gestão educacional no proeja. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 37, n. 2, p. 787–809, 31 ago. 2021.

OLIVEIRA, J. B. A.; GOMES, M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 28, n. 108, p. 555–578, 2020.

OPAS. Folha informativa. COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 15 jul 2022.

ORLANDO, R. M.; ALVES, S. P. F.; MELETTI, S. M. F. Pessoas com deficiência em tempos de pandemia da COVID-19: algumas reflexões. **Revista Educação Especial**, v. 34, 21 jun. 2021.

PALHARES, I. 79% dos brasileiros dizem que reabertura de escolas agravará a pandemia, mostra Datafolha. **Folha de S. Paulo**, 17 Aug. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/79-dos-brasileiros-dizem-que-reabertura-de-escolas-agravara-a-pandemia-mostra-datafolha.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022

PELLANDA, A. A escola deve ser a última a fechar e a primeira a abrir - desde que com condições para isso. **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**, mar. 2021. Disponível em: <<https://campanha.org.br/analises/andressa-pellanda/escola-deve-ser-ultima-fechar-e-primeira-abrir-desde-que-com-condicoes-para-isso/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PEREIRA, J. M. M. A agenda educacional do Banco Mundial em tempos de ajuste e pandemia. **Educacao e Pesquisa**, v. 47, p. 1–14, 2021.

PEREIRA, M. V. et al. Avaliação na educação superior: limites e possibilidades de uma experiência. **EccoS – Revista Científica**, n. 55, p. e18874, 16 dez. 2020.

PICOLI, B. A.; GUILHERME, A. A. É possível Educação em Educação a Distância? Reflexões a partir da ética da responsabilidade de Levinas e do Eros transcendental de Gur-Ze'ev. **Práxis Educativa**, v. 15, n. 1, 1 jul. 2020.

PIMENTA, C. O.; SOUSA, S. Z. Avaliação em tempos de pandemia: oportunidade de recriar a escola. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, p. e08274, 8 set. 2021.

PIMENTEL, G. S. R.; COITÉ, S. L. S. POLÍTICA CURRICULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO: DISCUSSÕES E PRÁTICAS DE GESTÃO EDUCACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 61, p. 267-282, jan. 2021.

PLETSCH, M. D.; LUNARDI MENDES, G. M. Entre a espera e a urgência: propostas educacionais remotas para crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus durante a pandemia da COVID-19. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–16, 23 nov. 2020.

QUADROS, S. F. DE; KRAWCZYK, N. O ensino médio brasileiro ao gosto do empresariado. **Políticas Educativas**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 36–47, 2019.

QUEIROZ, F. M. M. G. DE; MELO, M. H. DA S. Atuação dos professores de Atendimento Educacional Especializado junto aos estudantes com deficiência durante a pandemia do COVID-19. **Revista Educação Especial**, v. 34, 27 jul. 2021.

RANIERI, M.; GAGGIOLI, C.; BORGES, M. K. A Didática posta à prova pelo Covid-19 na Itália: um estudo sobre os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–20, 7 jul. 2020.

REIS, M. A.; REZENDE, R. O. D. Pedagogia não-formal contra a COVID-19 em roda de samba na web. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 54, p. 202–222, 2021.

RESPEITO, H. L. Autonomia e participação dos pais no ensino-aprendizagem: discurso educacional em tempos de pandemia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 1, p. 429–444, 1 jan. 2021.

REYES, R. C.; QUIRÓZ, J. S. De lo presencial a lo virtual, un modelo para el uso de la formación en línea en tiempos de Covid-19. **Educar em Revista**, v. 36, 2020.

RODRÍGUEZ, J. R. et al. Materiales didácticos digitales y coronavirus en tiempos de confinamiento en el contexto español. **Praxis Educativa**, v. 15, p. 1–20, 6 jun. 2020.

ROWLAND, C.; SCHWEIGERT, P. (2000). **Tangible symbols systems: making the right to communicate a reality for individual with severe disabilities**. Design to Learn.

RUBIO-GAVIRIA, D. Crisis de la educación: el constructivismo neoliberal. Notas en contextos de pandemia. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–18, 2020.

RUSSO, K.; MAGNAN, M. O.; SOARES, R. The pandemic that widens inequalities: Covid-19 and the education system in Quebec/Canada. **Praxis Educativa**, v. 15, 30 jun. 2020.

SALDANHA, L. C. D. O discurso do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 50, p. 124–144, 2020.

SANTOS, H. M. R. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **práxis Educativa**, v. 15, p. 1–17, 1 ago. 2020.

SANTOS, R. S. **E depois da escola?** Desafios de jovens egressos do ensino médio público na cidade de São Paulo. 2018. 339 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, W. L.; FERRETE, A. A. S. S.; ALVES, M. M. S. Cenários virtuais de aprendizagem como recurso pedagógico diante da pandemia do novo coronavírus: relatos das experiências docentes. **Educação**, v. 46, p. 1–27, 30 jun. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual da Educação. Decreto nº64.864, de 16 de março de 2020. [Dispõe sobre a adoção de medidas adicionais, de caráter temporário e emergencial, de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências correlatas]. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**: seção 1: Poder Executivo, São Paulo, vol. 130, n. 52, p.1, 17 mar. 2020.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Praxis Educativa**, v. 15, 2020.

SEVERO, J. L. R. DE L.; BRITO, R. M. A. DE; CARREIRO, G. D. N. Estudos sobre pedagogia universitária e didática do/no ensino superior: itinerários de uma experiência em tempos de pandemia. **Educação (UFSM)**, v. 46, n. 1, 4 set. 2021.

SILVA, A. L. B. da; SOUZA, M. A. de. Movimentos conservadores no âmbito da educação no Brasil: disputas que marcaram a conjuntura 2014 a 2018 (Conservative movements in the education scope in Brazil: disputes that marked the conjuncture from 2014 to 2018). **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 7–23, 2019. DOI: 10.22476/revcted.v4i2.353. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/353>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA JUNIOR, A. O. DA; FELIX, J.; COUTO, E. S. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia da Covid-19. **Rev. Educ. Questão**, Natal, v. 58, n. 58, e-21741, out. 2020.

SILVA, M. M. et al. Formação da classe trabalhadora em tempos de pandemia e crise do capital: a agenda dos aparelhos privados de hegemonia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, jan. 2021.

SILVA, R. R. D. da. Entre a compulsão modernizadora e a melancolia pedagógica: a escolarização juvenil em tempos de pandemia no Brasil. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–13, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15475.074. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15475>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–17, 30 jun. 2020.

SOARES, R.; NAEGELE, R. Segregação vertical na área da química durante a pandemia de covid-19 no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. 1–18, 2021.

SOROCHINSKY, M. A. Digital competence of teachers and students in Yakutia: problems and prospects of e-learning during the pandemic. **Educação (UFSM)**, v. 46, n. 1, 30 set. 2021.

SOUZA, E. A. M. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: O ELITISMO E A EXCLUSÃO NO ENSINO. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 12, n. 23, p. 15-33, 2018.

SOUZA, F. F. DE; DAINEZ, D. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–15, 1 ago. 2020.

SOUZA, K. R. DE et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, jan. 2021.

THIENGO, L. C. et al. Encontros e desencontros entre professores e o ensino remoto emergencial. **Educação (UFSM)**, v. 46, n. 1, p. 1–26, 4 set. 2021.

UFRGS. Qual a diferença entre distanciamento físico, isolamento e quarentena? **TelessáudeRS**. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/telessauders/perguntas/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/>>. Acesso em: 1 nov 2022.

UNESCO. Education: From disruption to recovery. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20220629024039/https://en.unesco.org/covid19/education-response/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

VARGAS, H. M.; ZUCCARELLI, C. A nova face da docência: uma proposta de revisão do Censo da Educação Superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, p. 1–25, 8 nov. 2021.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação e Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1–20, 2020.

WHO. Coronavirus disease (covid-19). **World Health Organization**, 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ZAN, D.; KRAWCZYK, N. Ataque à escola pública e à democracia: notas sobre os projetos em curso no Brasil. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 27, p. 607, 9 jan. 2020.

ZORDAN, P.; DOMINGUES ALMEIDA, V. . Parar pandêmico: educação e vida. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–18, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15481.077. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15481>. Acesso em: 31 mar. 2023.